

CAMPO

ISSN 2178-5781

Ano XXIV | 358 | Julho 2025



Plano Safra 2025/2026

Em entrevista especial, o presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, José Mário Schreiner, analisa os desafios e as perspectivas para que o setor possa desenvolver raízes ainda mais fortes no agro

Feijão-Caupi

Manejo eficiente e assistência técnica contribuem para que a cultura se torne boa oportunidade de renda no campo



FAEG
SENAR
IFAG
SINDICATO RURAL

Queimadas

Produtores e entidades do setor agropecuário se unem para adotar ações de prevenção a incêndios em Goiás



Goiás é líder na produção de
tomate, mas a gente sabe que aqui
tem espaço para crescer muito mais.

Faça o curso **Nutrição do Solo para Cultivo de Tomate**



Gratuito



Online



5h de duração

Matricule-se agora:



ead.senargo.org.br



Palavra do Presidente

Mais oportunidades e segurança para produzir

O agronegócio brasileiro é, há décadas, um dos principais pilares da nossa economia. É o setor que garante alimentos na mesa, movimenta a balança comercial, gera empregos e contribui para o desenvolvimento de milhares de municípios. No entanto, manter essa engrenagem em funcionamento exige políticas públicas consistentes, crédito acessível e condições adequadas para investir, produzir e inovar.

Nesse cenário, o Plano Safra 2025/2026 chega com um volume recorde de recursos, mas também com grandes desafios que não podem ser ignorados. Embora o montante anunciado represente um alívio frente às demandas crescentes do campo, continuam entraves como juros elevados, burocracia e dificuldade de acesso ao crédito por parte de muitos produtores. A questão não é apenas disponibilizar recursos, mas garantir que cheguem de forma ágil e justa a quem produz, fortalecendo tanto a agricultura familiar quanto os médios e grandes produtores. É fundamental avançar em medidas que tragam mais previsibilidade, menos custos e maior segurança para o planejamento das atividades rurais. Nesta edição, compartilhamos também exemplos e informações que mostram a força e a diversidade do agro goiano. Um dos temas é sobre o feijão-caupi, que vem se consolidando como uma alternativa rentável e estratégica para pequenos produtores, impulsionada pela assistência técnica do Senar Goiás. Mostramos também como o cultivo escalonado e o manejo adequado da mandioca têm transformado a produção de um agricultor em um negócio sólido, capaz de gerar renda, empregos e novas perspectivas de crescimento.

Outro exemplo de transformação é a Assistência Técnica e Gerencial (ATEG) do Senar Goiás, que em menos de dez anos colocou o Estado na liderança nacional em número de produtores assistidos. Hoje, mais de 18 mil propriedades

recebem acompanhamento direto de técnicos especializados, com impactos concretos na produtividade, na gestão e na renda das famílias. Esse trabalho, aliado a uma metodologia robusta e a investimentos em capacitação, é a prova de que conhecimento técnico e gestão eficiente andam juntos na construção de um campo mais competitivo e sustentável.

Nos centros urbanos, seguimos mostrando que também é possível cultivar oportunidades. As hortas urbanas, implantadas com capacitação do Senar Goiás, vêm ocupando espaços ociosos e transformando escolas, instituições e comunidades em áreas produtivas. Em Goiânia, a parceria para instalação de 50 novas hortas já está em andamento, reforçando que o acesso a alimentos frescos e saudáveis pode e deve caminhar lado a lado com a inclusão social e a geração de renda.

Outro tema que merece atenção é o aumento do risco de queimadas durante o período seco. O Sistema Faeg/Senar/Ifag, em parceria com sindicatos rurais e órgãos competentes, tem intensificado ações educativas, treinamentos e capacitações para prevenir e combater incêndios, reforçando que união, informação e preparo são as melhores estratégias para proteger vidas, propriedades e o meio ambiente.

Que cada página da revista inspire reflexão e ação. Nosso papel é seguir lado a lado com o produtor rural, buscando soluções, defendendo interesses e promovendo o desenvolvimento sustentável do campo goiano e brasileiro.



José Mário Schreiner
Presidente do Sistema Faeg/Senar

CAMPO

A revista Campo é uma publicação da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR Goiás), produzida pela Gerência de Comunicação Integrada do Sistema FAEG com distribuição gratuita aos seus associados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

Conselho editorial: Eduardo Veras, Ailton José Vilela, Armando Leite Rollemberg Neto, Claudinei Rigonatto, Dirceu Borges.

Diretor Técnico: Leonnardo Furquim.

Diretora de Comunicação: Michelly Mancinelli.

Edição e revisão: Fernando Dantas e Renan Rigo.

Reportagem: Alexandra Lacerda, Fernando Dantas, Renan Rigo e Revana Oliveira.

Fotografia: Fredox Carvalho.

Diagramação: Isabele Barbosa.

Foto da capa: Wenderson Araujo/CNA.

Fotos do Paine Central: Divulgação, Fredox Carvalho e Wenderson Araujo.

Tiragem: 5.000 exemplares.

Comercial: (62) 3096-2124 | (62) 3096-2200.

DIRETORIA FAEG

Presidente: José Mário Schreiner.

Vice-presidentes: Eduardo Veras de Araújo e Enio Jaime Fernandes Júnior.

Vice-presidentes Institucionais: Ailton José Vilela e Henrique Marques de Almeida. José Vitor Caixeta Ramos (in memoriam).

Vice-presidentes Administrativos: Armando Leite Rollemberg Neto e Eliene Ferreira da Silva. Suplentes: Henrique Marques de Almeida, Evandro Vilela Barros, Arthur Traidi Chiari, Margareth Alves Irineu, Washington Luiz de Paulo, João Pedro Braollos, Marcelo Rodrigues Godinho.

Conselho Fiscal: Dulio César de Sousa, José Carlos de Oliveira, Marcos Antônio Alves Capanema, Rinaldo Tomazini Filho, Vinicius Correia de Oliveira.

Suplentes: Watson Arantes Gama, Fernando Guedes Pereira, Hedgar de Jean e Helen, Carlos Donisete Carneiro de Oliveira, Marcio Arlei Dierings.

Delegados Representantes: Walter Vieira de Rezende e José Renato Chiari.

Suplentes: Nilson Fogolin e José Fava Neto.

CONSELHO ADMINISTRATIVO SENAR

Presidente: José Mário Schreiner.

Superintendente: Dirceu Borges.

Titulares: José Mário Schreiner, Daniel Klüppel Carrara, Orlando Luiz da Silva, Osvaldo Moreira Guimarães e Maurício Sulino Pinto.

Suplentes: Geovando Vieira Pereira, Eduardo Veras de Araújo, Eleandro Borges da Silva, Arthur Oscar Vaz de Almeida Filho e Dionísio Gomes Dias.

Conselho Fiscal: Wildson Cabral Santos, Marcus Vinicius Rodrigues Souza Lino e Sandra Pereira de Faria.

Suplentes: Rômulo Divino Gonzaga de Menezes, César Savini Neto e Dalila dos Santos Gonçalves.

Conselho Consultivo: Thomas David Taylor Peixoto, Nivaldo dos Santos, Pedro Leonardo de Paula Rezende, Roselene de Queiroz Chaves, Marcos Gomes da Cunha e Valéria Cavalcante da Silva Souza.

Suplentes: Antônio Carlos de Souza Lima Neto, Pedro Henrique Machado Paim, Elcio Perpétuo Guimarães, Cláudio Fernandes Cardoso e Francisco Alves Barbosa.

Sistema Faeg Senar

Rua 87 nº 708, Setor Sul. CEP: 74.093-300

Goiânia - Goiás

Contato Faeg: (62) 3096-2200 faeg@sistemafaeg.com.br

Contato Senar: (62) 3412-2700 senar@senar-go.com.br | comunicacao@senar-go.com.br

Para receber a Revista Campo envie o endereço da entrega com nome do destinatário para nosso e-mail.

Acesse:



sistemafaeg.com.br



@SistemaFaeg



sistemafaeg



senar/ar-go



sistemafaeg



SistemaFaeg



sistemafaeg



sistemafaeg.com.br/faeg/podcasts

Assistente Virtual

62 3096 2200



18 Feijão

Pequenos produtores goianos encontraram na variedade caupi uma opção para ampliar mercado e aumentar a renda



16 Caso de Sucesso

Produtor rural de Palmeiras de Goiás transformou uma oportunidade em renda, com apoio do Senar



22 Queimadas

Ações educativas, preventivas e integradas têm sido aplicadas em Goiás para evitar incêndios no campo



26 Fruticultura

Novo curso do Senar Goiás estimula produção de mangas no estado

06 Porteira Aberta

30 Hortas Urbanas

08 Sistema em Ação

31 Artigo

10 Opinião

33 Mitos e Verdades

11 Ação Sindical

34 Info Senar

24 Dia de Campo

37 Receitas do Campo

28 AteG

38 Dica de Vó



32 Senar Responde

Técnica de campo tira dúvidas sobre como obter alecrim saudável e bonito

Capa



O Plano Safra 2025/2026 foi anunciado com recursos recordes — R\$ 400,59 bilhões para médios e grandes produtores e R\$ 85,7 bilhões para a agricultura familiar —, mas também com alertas sobre desafios persistentes. Apesar do volume expressivo, o custo do crédito, com juros entre 8,5% e 14% ao ano, continua afastando pequenos e médios produtores das linhas de financiamento. A burocracia e os critérios rigorosos dos bancos dificultam ainda mais o acesso, e há dúvidas sobre a efetiva chegada dos recursos à ponta, em um cenário de incertezas econômicas, clima instável e margens reduzidas. No Prosa Rural, o presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, José Mário Schreiner, analisa os principais pontos do Plano Safra, destacando oportunidades e gargalos para o setor produtivo.

12

Drones

Especialistas reuniram as principais informações a respeito da pulverização agrícola feita com drones no País, na publicação recém lançada pela Embrapa: "Uso de drones agrícolas no Brasil: da pesquisa à prática". O documento é de autoria de Rafael Moreira Soares, pesquisador da Embrapa Soja (PR), e do empresário Eugênio Passos Schröder, e apresenta os aspectos regulatórios, o uso da tecnologia por prestadores de serviço e agricultores, analisa resultados de pesquisas nacionais e internacionais, e descreve exemplos práticos de sua aplicação em diversas culturas relevantes. O pesquisador conta que os drones agrícolas possuem características próprias no seu processo de pulverização, diferenciando-se tanto dos pulverizadores terrestres quanto dos aviões agrícolas, representando uma tecnologia intermediária entre esses sistemas. A publicação está disponível no site da Embrapa.



Wenderson Araújo/CNA

Internet



Lançado oficialmente no dia 9 de julho pela coordenadora do Goiás Social, primeira-dama Gracinha Caiado, em Cavalcante, no Nordeste Goiano, o programa Cidadão Tech Campo já contabiliza 21 antenas de internet de alta velocidade instaladas em 17 cidades e mais de 7 mil pessoas impactadas pela iniciativa, que está em sua fase piloto. Até março de 2026, os pontos de acesso devem chegar a 221, com investimento previsto de mais de R\$ 3 milhões. Criado para combater a exclusão digital em áreas

as rurais com risco de isolamento, o Cidadão Tech Campo é voltado para a população goiana socioeconomicamente vulnerável que vive em assentamentos, comunidades tradicionais e domicílios produtivos sem acesso à internet. A proposta é ampliar as oportunidades de inclusão social, inovação e desenvolvimento sustentável no meio rural, aliando conectividade à capacitação profissional em tecnologias digitais. O programa é uma ação do Goiás Social, executado pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (Secti), em parceria com a Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Goiás (Seapa) e a Agência Goiana de Assistência Técnica, Extensão Rural e Pesquisa Agropecuária (Emater). Os recursos são provenientes do Fundo de Proteção Social do Estado de Goiás (Fundo Protege). A seleção das localidades segue critérios técnicos e sociais, definidos pelo Goiás Social em conjunto com Secti, Seapa e Emater, dando prioridade às regiões sem infraestrutura de conectividade, com atividade produtiva ativa e risco de isolamento.

CNA Fiagro



para financiar a atividade agropecuária com microcrédito para produtores atendidos pela ATeG, do Senar, de forma sustentável e menos burocrática do que o financiamento feito em bancos tradicionais. Goiás é um dos estados em que o CNA Fiagro está disponível. Com o trabalho conjun-

to do Instituto CNA, Terralogs, e das diretorias de Assistência Técnica e Gerencial e de Educação Profissional do Senar, o fundo, lançado em 2023 também deve ampliar o atendimento para as atividades de olericultura, cana-de-açúcar e ovinocaprinocultura de leite e corte. Até o momento, as cadeias contempladas são bovinocultura de corte e leite, agricultura anual (soja, milho, trigo, mandioca e feijão), fruticultura (uva, abacaxi, banana, cacau, coco, goiaba, limão, laranja, manga, morango, melancia, maçã e maracujá), cafeicultura, piscicultura e apicultura.



Crise comercial

Diante do agravamento da crise comercial entre Brasil e Estados Unidos, o governador Ronaldo Caiado anunciou no dia 19 de julho a criação de uma linha de crédito com taxas abaixo das praticadas no mercado e um grupo de trabalho com representantes do governo estadual e da iniciativa privada. O objetivo é proteger a economia goiana dos impactos provocados pelas novas tarifas impostas sobre produtos brasileiros, com início previsto para 1º de agosto. O pacote estadual inclui uma linha de crédito voltada a empresas goianas com alta exposição nas exportações aos Estados Unidos, especialmente do setor agroindustrial, que está entre os mais atingidos pela sobretaxa de 50% sobre commodities como soja, carne e derivados do aço. As condições do crédito foram

estruturadas a partir de um fundo de fomento baseado no crédito de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) de exportação, sem aporte direto de recursos públicos. A taxa de financiamento será inferior a 10% ao ano — pelo menos três pontos percentuais abaixo das linhas subsidiadas por programas federais, como Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Plano Safra e fundos constitucionais. A contrapartida exigida das empresas é a manutenção dos empregos durante o período de acesso ao crédito. Além disso, está prevista a criação de um fundo de garantia voltado a pequenos e médios empresários, com o objetivo de alavancar a oferta de crédito por parte da iniciativa privada.



CNA

PAA Quilombola

O Governo de Goiás, por meio da Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa), em parceria com a Emater Goiás, publicou novo edital para o Programa de Aquisição de Alimentos Quilombola (PAA Quilombola). Integrante do rol de ações do Goiás Social, a iniciativa conta com investimento de R\$ 2 milhões em recursos do Fundo de Proteção Social do Estado de Goiás (Protege). Nesta edição, o programa vai selecionar exclusivamente agricultores familiares pertencentes à população quilombola. Cada produtor terá a oportunidade de comercializar seus cultivos e receber até R\$ 15 mil pela venda. Por meio do PAA Quilombola, o Governo de Goiás adquire a produção da agricultura familiar na modalidade Compra com Doação Simultânea, ou seja, os alimentos serão entregues diretamente a entidades sociais cadastradas pela Organização das Voluntárias de Goiás (OVG) e estas instituições repassarão os produtos a famílias carentes. O edital tem abrangência estadual e está aberto à participação de agricultores familiares quilombolas de todos os municípios goianos, desde que atendam aos critérios e exigências previstos no programa.



Abraão Toledo/Emater

Acesse o edital



Transformar juntos

O presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag e presidente do Conselho Deliberativo Estadual (CDE) do Sebrae Goiás, José Mário Schreiner, participou ao lado do vice-governador do Estado, Daniel Vilela, da cerimônia de abertura da primeira edição do Transformar Juntos Goiás. O evento, promovido pelo Sebrae Goiás em parceria com o Tribunal de Contas dos Municípios de Goiás (TCM/GO), a Associação Goiana de Municípios (AGM) e a Federação Goiana de Municípios (FGM), reuniu mais de 700 gestores públicos e lideranças do agro, em Goiânia, para discutir políticas públicas para impulsionar o empreendedorismo goiano. A programação do Transformar Juntos Goiás ainda abordou, no primeiro dia, quatro painéis sobre temas atuais e relevantes para a gestão pública: Simplificação, Inovação, Educação Empreendedora e Compras Públicas. Ainda durante a solenidade de abertura, houve o lançamento da 13ª edição do Prêmio

Sebrae Prefeitura Empreendedora (PSPE) e a assinatura do Termo de Parceria de Inovação que viabiliza o curso “Inteligência Artificial na Gestão Pública”.



vivo Simões

Para registro



Silvio Simões

“Hoje tive a alegria de participar do Transformar Juntos Goiás, um grande encontro entre prefeitos, lideranças do agro e do Sebrae. Discutimos o que realmente importa: como transformar a realidade de quem empreende – no campo ou na cidade. A parceria do Sebrae Goiás com o governo de Goiás e outras instituições é extremamente importante para levar o empreendedorismo aos quatro cantos do estado, aos 246 municípios e aos mais de 600 povoados de Goiás, gerando emprego, renda e qualidade de vida aos cidadãos.”

José Mário Schreiner, presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag e presidente do Conselho Deliberativo Estadual (CDE) do Sebrae Goiás



Edmar Wellington

“Quando o poder público inova, não apenas acelera os negócios, mas liberta o talento da nossa gente para construir o futuro. Não adianta digitalizar e dificultar o acesso. O Estado precisa ser proativo, principalmente com quem empreende. Estamos modelando uma agência proativa, que vai buscar investidores mundo afora e reunir, em uma plataforma única, todas as informações que interessam a quem quer empreender em Goiás.”

Daniel Vilela, vice-governador de Goiás

Jovens líderes do agro



Divulgação

No dia 10 de julho, o Sistema Faeg/Senar/Ifag encerrou a imersão da 5ª edição da Academia de Jovens Líderes do Agro, realizada em Goiânia. A iniciativa, voltada aos participantes do Programa Faeg Jovem, reuniu jovens de 18 cidades em quatro dias de formação intensiva em liderança, sucessão e empreendedorismo

rural, com foco em biotecnologias para um agro sustentável. Agora, os participantes iniciam a implantação das seis iniciativas desenvolvidas durante a imersão, levando inovação para seus municípios. A ação é realizada pelo Sistema Faeg/Senar e Sindicatos Rurais em parceria com a Bayer.

Academia de Formação



Divulgação

Em julho, a Academia de Formação do Sistema Faeg/Senar Goiás promoveu um momento especial de integração e aprendizado com os 84 futuros técnicos de campo que irão atuar na Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar Goiás. Durante o encontro, o presidente da entidade, José Mário Schreiner, compartilhou experiências, destacou a importância do trabalho técnico no fortalecimento da agropecuária goiana e reforçou o compromisso da instituição com o desenvolvimento sustentável e competitivo do setor. A conversa, marcada por troca de ideias e incentivo, também reforçou o papel da ATeG como ferramenta estratégica para levar conhecimento, gestão e inovação ao campo, contribuindo para aumentar a produtividade, a rentabilidade e a qualidade de vida dos produtores rurais.

Holding rural

Os municípios de Itaberaí e Jaraguá receberam, nos dias 23 e 24 de junho, ações do Seminário Regional de Holding Rural como Mecanismo de Preservação do Patrimônio. As palestras foram conduzidas por Jordana Vieira, que trouxe informações valiosas sobre estratégias jurídicas para a proteção do patrimônio rural. O evento abordou temas como sucessão familiar, planejamento tributário e estruturação empresarial no campo, oferecendo aos participantes ferramentas para garantir a continuidade dos negócios rurais. A iniciativa também proporcionou espaço para esclarecimento de dúvidas e troca de experiências entre produtores, técnicos e especialistas, fortalecendo a gestão e a segurança jurídica no meio rural.



Divulgação

Carreta do Senar



O Sistema Faeg/Senar/Ifag esteve presente na 2ª Feira do Agronegócio de Niquelândia, realizada no final do mês de junho. Promovida pelo Sindicato Rural de Niquelândia, a feira movimentou o agro local com inovação, oportunidades e conhecimento. Na abertura, realizada no dia 26 de junho, o evento contou com a presença do vice-presidente da Faeg, Armando Rollemberg, e do diretor de Tecnologia do Senar Goiás, Pedro Camilo, que representou o superintendente Dirceu Borges — homenageado pelas ações desenvolvidas no município. A programação incluiu ainda a Carreta do Senar, que atendeu produtores rurais assistidos de diversas cadeias produtivas,



além do Fórum de Carreiras com foco na empregabilidade no campo, por meio da plataforma Talentos do Campo.

Há seis meses em atividade, a carreta já esteve presente em 14 eventos atendendo as solicitações dos parceiros do Senar. As atividades são variadas, como cursos e treinamentos, oficinas, reuniões, cozinha show da área de gastronomia/culinária, demonstrações de realidade virtual, abertura de eventos, apresentações culturais, recepção de autoridades (inclusive de uma missão técnica de Israel em Rio Verde), encontro de produtores assistidos pela ATeG e palestras. É um espaço que tem sido palco para centenas de visitas.

Alimentos transgênicos: heróis ou vilões?



Attila Eneas Prado
é engenheiro
agrônomo pela
Universidade
Federal de Goiás
(UFG) e membro
do grupo Faeg
Jovem Goiânia

Quando você ouve o termo “transgênico”, o que vem à sua cabeça? Para muitos, a resposta é medo, dúvida, desconfiança e até mesmo indiferença. Mas afinal, os alimentos transgênicos estão mais para heróis ou para vilões para a sociedade?

Provavelmente você já escutou o termo “alimento transgênico”, e possivelmente ele veio junto à opinião contrária ao seu uso. Geralmente, o principal argumento defendido por pessoas que são contra o uso de transgênicos é de que os mesmos são nocivos à saúde humana, principalmente se tratando do longo prazo, como, por exemplo, promoverem alergias e resistência contra antibióticos. Falas como estas são comuns, porém, em sua maioria das vezes, não são pautadas em estudos científicos, mas em achismos.

Enfim, o que realmente são os transgênicos?

Em se tratando de agricultura, os alimentos transgênicos são plantas que passaram por uma pequena alteração feita em laboratório para ajudar a resolver desafios comuns da agricultura ou potencializar certas características naquela planta. Na prática, podemos citar a transgenia contribuindo para plantas mais resistentes a pragas, doenças ou até mesmo à falta de chuva. Na prática, cientistas identificam um gene de interesse em uma espécie e inserem este gene no DNA da planta desejada. Como exemplo prático, podemos citar o milho Bt, que é o milho que recebeu em seu DNA um gene da bactéria *Bacillus thuringiensis*, naturalmente encontrada no solo. Devido à inserção destes genes no milho, ele se torna resistente ao ataque de diversas lagartas, como, por exemplo, a lagarta-do-cartucho, que, sem controle, pode levar à perda de até 60% da lavoura. Devi-

do a essa resistência, o cultivo se torna mais eficiente, com menos perdas.

São necessários muitos estudos antes que um produto transgênico chegue ao campo e à mesa do consumidor final. No Brasil, é necessária a validação de diversos órgãos, como por exemplo Mapa, CTNBio e Anvisa. Estes avaliam os riscos ambientais e a segurança alimentar. Além dessa validação por órgãos competentes, carecem estudos confiáveis de que alimentos transgênicos ou seus derivados façam mal à saúde humana ou animal.

Os benefícios desta tecnologia extrapolam o campo. Transgênicos auxiliam no combate à fome, como respaldado pela ONU e pela FAO, de maneira que contribuem para o aumento da produção de alimentos na mesma área. Com isso, diminui-se a necessidade de desmatamento. Com o aumento de produtividade e diminuição do custo de produção, temos uma maior oferta de alimentos no mercado, que são fundamentais para a economia brasileira, tendo em vista que o Brasil é um grande exportador de alimentos e tem aproximadamente 25% do seu PIB baseado no agronegócio. Como a maioria da soja e milho exportados pelo Brasil são geneticamente modificados, os transgênicos estão, indiretamente, fortalecendo a balança comercial brasileira. Com isso, temos a contribuição para o fortalecimento da moeda nacional, diminuição da inflação e da taxa de juros, mesmo que de maneira sutil, mas positiva.

Diante dos fatos, fica claro que os transgênicos oferecem muito mais benefícios comprovados do que suposições infundadas. Ao contrário do que muitos pensam, estão mais para heróis do que vilões na nossa sociedade.

Cavalcante Operação e Manutenção de Pá Carregadeira



Divulgação

O Senar Goiás e o Sindicato dos Produtores Rurais de Cavalcante promoveram o treinamento em Operação e Manutenção de Pá Carregadeira. Ao todo, sete participantes tiveram a oportunidade de aprimorar conhecimentos técnicos e práticos sobre o manejo seguro e eficiente da máquina. Durante o curso, os participantes aprenderam sobre os principais componentes da máquina, comandos, normas de segurança, uso correto de EPIs e práticas de manutenção preventiva. A parte prática incluiu manobras, simulações de trabalho, carregamento e descarregamento de materiais, além de cuidados diários com o equipamento.

Campo Alegre de Goiás Investimento financeiro no agro



Divulgação

O Senar Goiás e o Sindicato Rural de Campo Alegre de Goiás realizaram o curso de Investimento Financeiro no Setor do Agro. A capacitação contou com 12 participantes. Durante o curso, os alunos aprenderam a organizar as finanças da propriedade, analisar custos e receitas, identificar oportunidades de investimento, planejar o uso de recursos e avaliar a viabilidade econômica de atividades rurais. Também foram abordados temas como gestão de riscos, uso de crédito rural e planejamento de longo prazo. A iniciativa visa preparar produtores e trabalhadores rurais para tomarem decisões mais seguras e sustentáveis em seus negócios.

Cidade de Goiás Proteção de Nascentes



Divulgação

O Senar Goiás e o Sindicato Rural da Cidade de Goiás realizaram o curso de Proteção de Nascentes, com a presença de 15 participantes. Durante a formação, foram repassadas informações sobre como identificar os tipos de nascentes, reconhecer fatores que causam degradação e aplicar técnicas de conservação, como cercamento da área, controle de processos erosivos, plantio de vegetação nativa e construção de estruturas de proteção. O curso também abordou a importância da água para a atividade agropecuária e para o equilíbrio ambiental, reforçando a responsabilidade do produtor rural na preservação dos recursos hídricos.

Iporá Processamento Artesanal do Leite



Divulgação

O Senar Goiás e o Sindicato Rural de Iporá realizaram o treinamento em Processamento Artesanal do Leite em Goiaporá, distrito de Amorinópolis. O curso contou com 14 participantes, que aprenderam técnicas para transformar o leite cru em derivados como queijos, iogurtes, manteiga e doces, com foco na higiene, qualidade e valorização da produção local. Os participantes também aprenderam sobre boas práticas de fabricação, conservação dos produtos e oportunidades de comercialização. Além disso, o curso incentiva a valorização da produção local, com orientações sobre embalagens, armazenamento e comercialização, contribuindo para a geração de renda e o fortalecimento da atividade leiteira familiar.

Plano Safra: mais recursos, juros altos e desafio de fazer o crédito chegar ao campo

José Mário Schreiner

é presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag e do Conselho Deliberativo do Sebrae Goiás, e vice-presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)

Alexandra Lacerda | alexandra.larceda@senar-go.com.br

O anúncio do Plano Safra 2025/2026 veio acompanhado de expectativas elevadas e também de novos alertas para o setor produtivo. Com um volume recorde de recursos – R\$ 400,59 bilhões para médios e grandes produtores, além de R\$ 85,7 bilhões para a agricultura familiar – o governo federal aposta em um pacote robusto para estimular o agro brasileiro. Mas, apesar do crescimento nominal, produtores e entidades representativas avaliam que os desafios

continuam – e, em alguns pontos, se intensificam.

O principal entrave apontado é o custo do crédito. As taxas de juros permanecem elevadas, variando entre 8,5% e 14% ao ano, o que afasta principalmente pequenos e médios produtores do acesso às linhas de financiamento. Soma-se a isso a rigidez dos critérios impostos pelos bancos, que dificultam ainda mais a contratação dos recursos. Outro questionamento recorrente é sobre a efetividade da distribuição: como

garantir que esse volume expressivo realmente chegue à ponta, especialmente em um momento de incertezas econômicas, clima instável e margens de lucro cada vez mais apertadas?

Diante desse cenário, a Revista Campo abre espaço nesta edição para falar com quem tem autoridade e vivência no assunto: presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, José Mário Schreiner, que responde questionamentos importantes sobre os principais pontos do novo Plano Safra. Confira!



Frederico Carvalho

1 Como o senhor avalia o volume total de recursos anunciado no Plano Safra 2025/26? É suficiente para atender à demanda real dos produtores rurais?

Inicialmente é importante colocar que a equalização de juros tem orçamento limitado (R\$ 13,5 bilhões), uma queda de 17,5 % em relação aos R\$ 16,3 bilhões previstos para 2024/25, quando o ideal seria pelo menos R\$ 25 bilhões. Há ainda o risco de parte dos recursos serem contingenciados ou não liberados

totalmente, como já aconteceu em safras anteriores. Neste cenário, com as taxas de juros atuais, o volume total anunciado no Plano Safra 2025/26 foi de R\$ 594,4 bilhões, montante que não é suficiente para atender a demanda real dos produtores rurais, apesar de o aumento de 3% para a agricultura familiar e de 1,5% para a agricultura empresarial. Isso porque a inflação acumulada (IPCA) está em 5,3%. Com isso, fica claro que houve uma redução real dos recursos disponíveis, algo que é potencializado em uma safra que se espera elevação nos custos de produção da safra. Sendo assim, o volume de crédito disponível não foi suficiente nem mesmo para recompor as perdas pela inflação, muito menos para atender as altas nos custos de produção da safra. Além disso, o valor destinado a investimento caiu 5,4%, afetando programas de modernização, armazenagem e irrigação. Isso limita o crescimento e a eficiência do setor a longo prazo.

2 As taxas de juros continuam sendo uma grande preocupação. Qual o impacto desses percentuais elevados na viabilidade dos financiamentos, especialmente para pequenos e médios produtores?

Após a divulgação do Plano Safra, fica claro que os juros são elevados e inadequados para a realidade dos produtores rurais, especialmente em um cenário de margens apertadas e custos crescentes. As taxas de juros ficaram entre 8,5% e 14% ao ano, o que representa um custo considerado alto demais para a atividade rural, principalmente para pequenos e médios produtores. No caso do Pronamp (médios produtores), a taxa subiu de 8% para 10%, um movimento prejudicial para esse público. Para alguns segmentos da agricultura familiar (soja e pecuária), a taxa chegou a 8%, dificultando o acesso ao crédito mesmo para atividades consideradas prioritárias. Juros elevados inibem a contratação de crédito, afetando o planejamento da safra, os investimentos em tecnologia, a modernização das proprie-

dades e a segurança alimentar no país. Podemos esperar que, com esses níveis de taxa, muitos produtores devem optar por reduzir investimentos, o que pode prejudicar a oferta e gerar impactos econômicos negativos.

3 Há uma reclamação recorrente de que o crédito não chega com agilidade ou nem mesmo chega à ponta. O que precisa mudar para que os recursos anunciados realmente se tornem acessíveis ao produtor?

Em um cenário de taxa de juros elevadas e recursos insuficiente, o aumento na rigidez bancária na concessão do crédito faz com que tenhamos uma tempestade perfeita no setor de crédito rural brasileiro. Já tem sido percebido que, na safra 2025/26, os bancos devem adotar critérios mais rígidos que dificultam a aprovação dos financiamentos. Este comportamento vem ao contrário do que o setor espera, como protocolos mais ágeis, com menos burocracia, e adaptar exigências para diferentes perfis de produtores. O setor espera que sejam implementados modelos de avaliação de risco mais modernos, que considerem histórico produtivo e garantias alternativas. É necessário que os agentes financeiros invistam em sistemas digitais integrados, que acelerem a análise e aprovação do crédito, reduzindo prazos. Além disso, espera-se que plataformas que usem dados históricos e análise de risco por inteligência artificial sejam utilizadas, podendo tornar o processo mais rápido e justo. Outro problema que observamos é que histórico de contingenciamento e não liberação integral dos valores prometidos afeta a confiança do produtor. É fundamental que o governo assegure a liberação total dos fundos previstos no Plano Safra, evitando cortes no meio do ciclo. Por fim, é importante colocar que muitos produtores desconhecem as linhas disponíveis ou enfrentam dificuldades para acessar os bancos corretos. Neste sentido, programas de capacitação, orientação técnica e canais facilitados de atendimento podem ampliar o acesso. O Senar

Goiás tem trabalhado nesta lacuna, com um curso de crédito rural que visa reduzir esta assimetria de informação.

4 O governo federal sinalizou prioridade para práticas sustentáveis. Como o senhor vê as exigências de critérios ambientais e ESG para concessão de crédito rural?

A exigência de critérios ambientais não é uma exclusividade do Brasil, é uma tendência mundial. Mercados consumidores (como União Europeia, EUA e Ásia) buscam, cada vez mais, produtos com origem rastreável e sustentável, livres de desmatamento ilegal e de práticas que causem impactos negativos ao meio ambiente. No entanto, é importante que tais exigências não se confundam com barreiras comerciais não tarifárias e prejudiquem o setor produtivo rural. Mais do que isso, espera-se que esta nova realidade venha como oportunidade, não como obrigação. Neste sentido, é bastante importante a manutenção, no Plano Safra 2025/26, de incentivos para práticas ambientalmente responsáveis que reduzem a taxa de juros, especialmente via desconto de 0,5 ponto percentual nas linhas de custeio para quem adota atividades sustentáveis. Outro ponto importante neste contexto é a existência de linhas de crédito com o objetivo de financiar práticas sustentáveis, como o RenovAgro.

5 Quais são os principais gargalos na liberação de recursos por parte dos agentes financeiros e como isso poderia ser melhor enfrentado?

Como tem sido observado nos anos anteriores, o montante anunciado pelo Plano Safra muitas vezes não se converte em recursos efetivamente liberados. Muito deste gargalo se deve a dificuldade dos agentes financeiros em efetivar as operações junto aos produtores que buscam o crédito. A exigência de documentos complexos, qualificações socioambientais, entre outros, retarda a análise e liberação, especial-

mente para pequenos e médios produtores. Neste ano, além dessas exigências, um novo requisito foi acrescentado, o respeito do zoneamento climático (Zarc) no crédito rural. Outro ponto que dificulta a liberação de crédito é a crescente demanda por garantias e um processo de avaliação de risco bastante conservador, retirando do crédito rural grande parte dos produtores rurais. Por fim, o atraso no desembolso faz com que muitos produtores migrem para o crédito privado, com juros de 25 a 35% ao ano, um movimento perigoso, que pode gerar ainda mais endividamento.

6 Muitos produtores enfrentam dificuldade para se enquadrar nas exigências dos programas oficiais. O que a Faeg tem feito para orientar e apoiar esses produtores no acesso ao crédito?

A Faeg, juntamente com a CNA, tem mapeado as principais dificuldades no acesso ao crédito. Desde março de 2025, a CNA realizou reuniões nas cinco regiões do país, com produtores, sindicatos e federações, para mapear as principais dificuldades no acesso ao crédito e formular propostas de melhoria para o Plano Safra 2025/26. Nestes encontros foram identificados problemas como exigências ambientais e fundiárias, limites de renda para enquadramento, burocracia e atrasos na liberação de recursos. Com base nos encontros regionais, a CNA consolidou documentos encaminhados ao Mapa e Congresso sugerindo ampliação dos limites de renda para enquadramento em programas (Pronaf, Pronamp); simplificação das exigências ambientais, cartorárias e burocráticas; redução de taxas de juros, maior equalização e cumprimento dos volumes anunciados no PAP 2025/26, fortalecimento de seguros (Proagro e PSR) e novas fontes de crédito, como Fiagro. Por fim, a Faeg monitora a liberação de recursos, taxas de juros praticadas e cumprimento dos programas, denunciando práticas abusivas como venda casada, mix de juros e atraso no desembolso.



É necessário que os agentes financeiros invistam em sistemas digitais integrados, que acelerem a análise e aprovação do crédito, reduzindo prazos. Além disso, espera-se que plataformas que usem dados históricos e análise de risco por inteligência artificial sejam utilizadas, podendo tornar o processo mais rápido e justo





7 O senhor acredita que o Plano Safra 2025/26 contempla adequadamente os diferentes perfis de produtores, como a agricultura familiar, os médios e os grandes?

O Plano Safra 2025/26 não responde à altura da importância estratégica do setor. Isso ficou claro quando avaliamos e discutimos taxas de juros e volumes de recursos disponibilizados. Além disso, as dificuldades no acesso e, principalmente, a burocracia excessiva faz com que os produtores se afastem do crédito rural e busquem fontes privadas de financiamento. Esta é uma realidade de pequenos, médios e grandes. Sendo assim, é necessária uma revisão do crédito rural no país, atendendo os anseios e as reais particularidades do setor.

8 A Faeg tem defendido maior previsibilidade e planejamento plurianual para o crédito rural. Essa proposta avançou nas discussões com o governo federal?

A Faeg tem sido bastante clara no pedido de maior previsibilidade e planejamento plurianual no crédito rural, e isso vem recebendo atenção tanto da CNA quanto da FPA (Frente Parlamentar da Agropecuária). No início do ano, a Faeg manifestou preocupação com a suspensão abrupta do crédito rural, apontando diretamente a falta de previsibilidade orçamentária como uma das causas principais. Para solucionar tal impasse, temos solicitado o estabelecimento de fluxos orçamentários claros e continuidade

nas linhas de custeio, reduzindo o risco de interrupções em momentos críticos, como o plantio. Ainda em 2025, o setor produtivo rural, representado pela FPA, entregou propostas ao governo que incluíam a criação de um Plano Safra plurianual, inspirado na prática norte-americana “Farm Bill”, garantindo segurança para produtores ao longo de ciclos de cinco anos. Na proposta, foram solicitados recursos equalizados, seguro rural reforçado, garantias simplificadas e previsibilidade orçamentária com periodicidade multianual. Embora tenha havido maior diálogo, formalização de propostas e inclusão de discussão sobre plurianualidade, nada foi implementado oficialmente no Plano Safra 2025/26.

9 Quais são os riscos para o agro goiano e brasileiro caso as condições de crédito permaneçam restritivas nos próximos ciclos?

A manutenção de condições restritivas no crédito rural no Brasil, especialmente com juros elevados e desembolso lento, pode gerar impactos profundos e duradouros no agro goiano como queda de produção e investimentos; aumento da inadimplência e falências; perda de competitividade; intensificação da concentração de terras; e insegurança alimentar e social. Para o agro goiano, os impactos serão sentidos diretamente, por menor investimento em infraestrutura regional e maior vulnerabilidade climática. Uma reversão do cenário passa

por medidas estruturais que tragam previsibilidade, menor custo e diversidade nos mecanismos de financiamento.

10 Por fim, que orientações o senhor deixa aos produtores para que eles se posicionem com mais segurança neste novo ciclo do Plano Safra, considerando o cenário de juros altos, exigências crescentes e recursos ainda disputados?

Para que possam se posicionar com mais segurança neste novo ciclo do Plano Safra 2025/26, especialmente em um ambiente de juros elevados, exigências mais rígidas e recursos escassos, orientamos que nossos produtores tenham um melhor planejamento de sua safra, mapeando suas reais necessidades para escolher a linha mais apropriada. Mais do que isso, lance mão de ferramentas de gestão de risco com seguro rural e travamentos de preço. A utilização destas ferramentas aumenta sua atratividade junto aos bancos e reduz custos de risco. Ajuste a safra à sua capacidade de pagamento evitando assim os endividamentos excessivos. Considere as operações com prazos de pagamento adequados e garantias viáveis. Por fim, participe junto com seu sindicato rural, com a Faeg e com a CNA dos encontros e reuniões que debatem este tema. Tudo isso irá lhe ajudar a entender regras, prazos e documentação exigida. Também são espaços para demandas, onde sua participação é mais que necessária, é essencial.

ATeG ajuda a produzir raízes fortes

Com apoio do Senar, produtor garante boa renda com cultivo escalonado de mandioca em 1,8 hectares, na região do Capivari, em Palmeiras de Goiás

Revana Oliveira | revana@sistemaфаeg.com.br



Produtor Cléber Rosa produz em torno de 6 mil quilos de mandioca por mês

Fredox Carvalho

Depois de anos trabalhando com transporte escolar, foi por acaso que Cléber Rosa transformou a oportunidade de vender mandiocas em um negócio lucrativo e em expansão. “Eu tinha chegado de uma viagem a São Paulo e minha irmã e meu primo, que trabalhavam com mandioca, me pediram para levar uma carga para eles em Rio Verde, porque não conseguiam ir. Me deram 15 quilos para eu vender e tomar um café”, relembra.

Aproveitando a viagem, ele parou nos comércios para oferecer os produtos. “A dona do primeiro supermercado que falei, perguntou quantos quilos eu tinha, eu disse: ‘só tenho 10’. Ela pegou os 10. Fiquei com cinco quilos no carro, passei em outros quatro lugares e deixei as amostras. Na semana seguinte, o pessoal ligou perguntando se eu tinha mais em grande quantidade para entregar. Foi aí que de fato começou meu trabalho com mandioca”, conta.

No início, Cléber não produzia. Comprava de outros fornecedores, mas enfrentava um problema comum: a irregularidade na qualidade. “Um dia eu pegava produto com 100% de qualidade, na outra semana já era inferior. Aí decidi plantar meu próprio mandiocal”, afirma.

Mas a primeira tentativa não saiu como esperado. “Plantei na época da chuva, colhi, e com 60 dias acabou. E eu já tinha um produto de primeira qualidade na mão, voltei a comprar de fora, mas enfrentava a mesma dificuldade de não encontrar mandioca com a mesma qualidade que eu produzia.”

A mudança veio com a Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar Goiás. “Vi uma vantagem imensa. Eu não tinha ideia de fazer talhão escalonado. Achava que a área que eu tinha de 1,8 hectares, só dava para dois ou três talhões. Hoje estou com nove. Tem talhão produzindo, talhão chegando, talhão plantado. Isso é essencial para manter a qualidade das mandiocas que entrego e garantir a minha clientela”, confirma.

Com o escalonamento, ele passou a colher o ano todo, adotando irrigação eficiente e manejo adequado. O resultado foi visível: “Antes da assistência, o máximo que eu colhia era 7 ou 8 raízes por pé. Hoje é difícil um pé que dá menos de 12 ou 13 raízes”, comemora.

O técnico do Senar Goiás, Sidarta Oliveira, lembra do manejo quando come-



Cléber Rosa conta que são beneficiados de 1.400 a 1.500 quilos por semana

Fredox Carvalho

agroindústria”, planeja.

Outro avanço foi a separação entre produção e beneficiamento na gestão. “Hoje ele faz o custo de produção da mandioca como se estivesse comprando de outro fornecedor, mas é dele mesmo. Isso dá controle sobre a qualidade e sobre os custos. O custo por quilo de mandioca hoje sai a R\$ 1,25. Muito mais barato do que comprar de fora e com qualidade superior”, relata o técnico de campo Sidarta.

A Assistência Técnica e Gerencial pode ser solicitada de graça nos Sindicatos Rurais de Goiás. Agora, Cléber quer consolidar a presença no mercado com duas marcas próprias: Mandioca Fortaleza e Mandioca Capivari. Ele vê um futuro promissor com o que antes era apenas uma entrega eventual. “Meu objetivo é crescer ainda mais. Vejo um futuro grande nessa área. Com o apoio do Senar Goiás, eu construí muito mais do que um negócio. Literalmente estou cultivando raízes fortes para o futuro da minha família,” concluiu otimista.

çou o acompanhamento na propriedade. “Antes, ele plantava sem correção de solo, sem adubação, tudo de uma vez. A produtividade era de 5 a 6 quilos por pé. Hoje, estamos em torno de 8 a 12 quilos por pé.”

Cléber passou a aproveitar até as ramas da mandioca para produzir silagem e diversificou os produtos empregando seis pessoas para ajudar desde o plantio ao beneficiamento. “A gente aproveita praticamente tudo da

mandioca. Estou usando a silagem para o meu próprio gado. Vendo a mandioca embalada a vácuo para mesa, a picadinha para o quibebe e a massa para bolo, o mané pelado. Mas as maiores vendas são dos pacotes da mesa, explica.

A produção mensal gira em torno de 6 mil quilos de mandioca, com beneficiamento de 1.400 a 1.500 quilos por semana. “Quero chegar a 3 mil quilos beneficiados por semana e montar minha



Produtor Cléber Rosa e o técnico do Senar Goiás, Sidarta Oliveira

Fredox Carvalho

Feijão-caupi, uma boa oportunidade de renda

Como rotação de culturas, manejo eficiente e assistência técnica, pequenos produtores em Goiás encontram na variedade um ciclo rápido e rentabilidade

Alexandra Lacerda | alexandra.larceda@senar-go.com.br

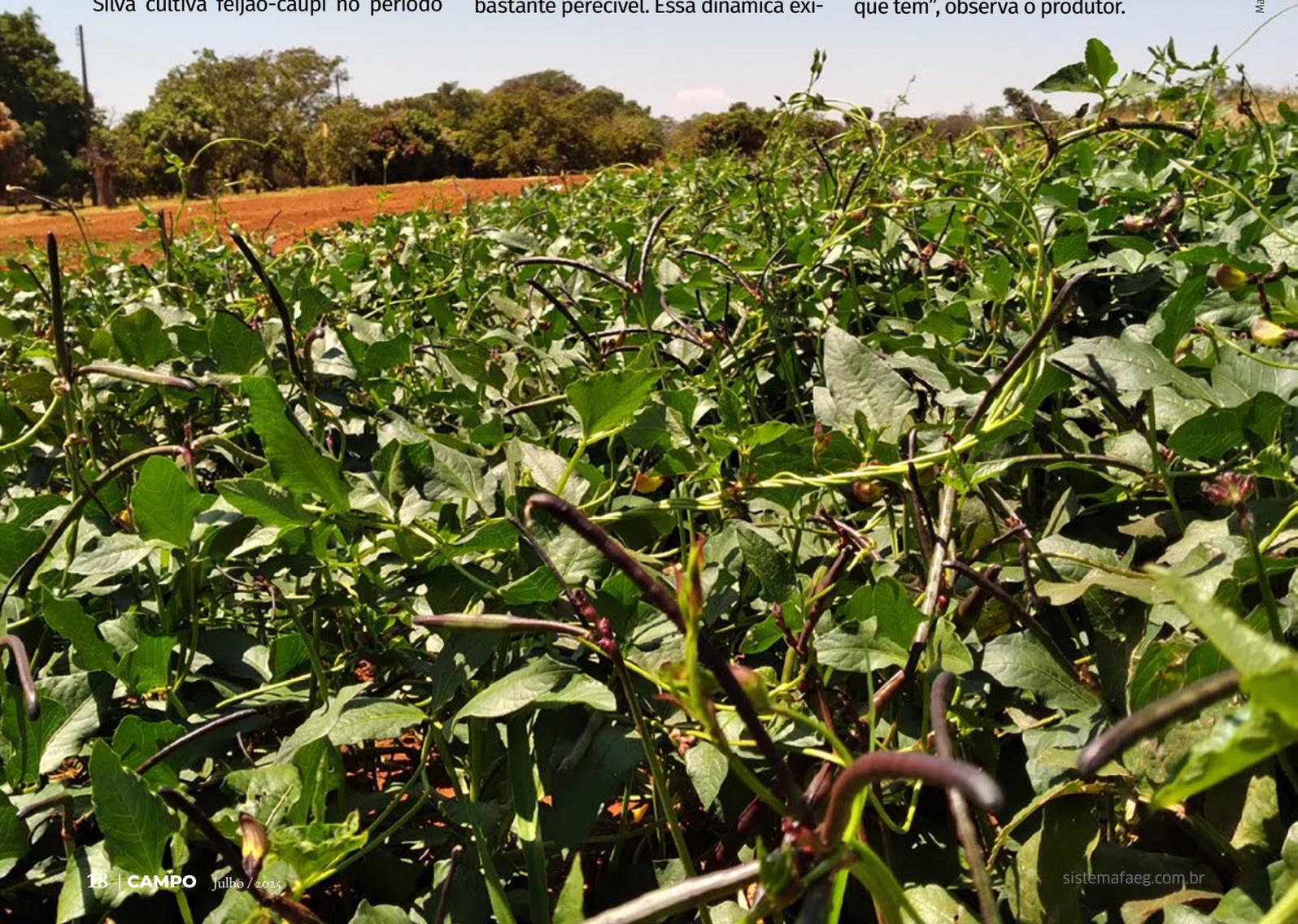
No interior de Goiás, no município de Cocalzinho, uma cultura tradicional vem ganhando protagonismo entre pequenos e médios produtores: o feijão-caupi, também conhecido como feijão-de-corda ou feijão-verde. De rápido ciclo, baixo custo de produção e com mercado certo, o cultivo tem sido uma alternativa estratégica para diversificar a produção, garantir renda e implementar a rotação de culturas nas propriedades. Parte desse sucesso tem relação direta com o trabalho técnico do Senar Goiás. Produtor há mais de 30 anos, Emerich Luís da Silva cultiva feijão-caupi no período

das águas. Com 25 hectares, ele encontrou no feijão uma fonte de renda certa e rotatividade eficiente para sua produção, que é predominantemente de mandioca e milho. “Esse feijão tem venda garantida. Nunca deu prejuízo para mim. Toda a vida deixou um bom resultado”, afirma.

A colheita é feita manualmente e o produto é vendido ainda nas vagens, majoritariamente para feirantes e compradores de cidades vizinhas, incluindo Águas Lindas e até mesmo a Ceasa Goiás, quando há excedente. O prazo para venda é curto — quatro dias após a colheita, por ser um produto bastante perecível. Essa dinâmica exi-

ge planejamento e escalonamento no plantio. Outro desafio está na escassez de mão de obra que, a exemplo de outras áreas de atividade no campo, se torna um problema crescente, no qual a rotação inteligente é uma ferramenta de sobrevivência já que a família se envolve na colheita. “Eu planto por litro: três litros me renderam mais de 300 caixas. É manual e hoje a mão de obra está difícil. A gente colhe tudo, senão perde. Aqui, nós trabalhamos com a colheita manual. E como é difícil encontrar quem tope esse tipo de serviço. O plantio escalonado ajuda a dar conta da produção com a estrutura que têm”, observa o produtor.

Marco Barona



O feijão cultivado por Emerich é voltado principalmente para o mercado de feijão verde, com colheita manual e comercialização em até quatro dias após a retirada da planta. Ele armazena parte da produção em garrafas PET, medindo a quantidade em litros, uma forma tradicional adotada para garantir sementes para o próximo plantio de forma prática. Ele cultiva entre um hectare e um hectare e meio por ciclo. Além do mercado garantido, o cultivo exige menos água e permite rotação de cultura eficiente com mandioca e milho.

O produtor já pensa em implantar um sistema de gotejamento, o que permitiria o cultivo em duas safras anuais. “Com o gotejamento, quero plantar também no período seco. Minha terra é muito boa e o feijão precisa de pouca água. Dá para plantar bastante. A assistência técnica mudou muita coisa aqui. Eu recomendo demais, porque ensina a cuidar melhor do plantio. Tem que cuidar, sim, mas o feijão sempre dá retorno. Nunca perdi dinheiro com ele”, garante.

A rotação de culturas, manejo eficiente e assistência técnica transformam a produção de feijão em pequenas propriedades de Goiás. O técnico de campo Kályston Eduardo tem acompanhado de perto essa jornada. “Completamos agora um ano de assistência ao senhor Emerich, foram 12 visitas até aqui, onde a gente conseguiu introduzir mudanças importantes no manejo da cultura do feijão, principalmente no uso correto de defensivos e na adubação foliar durante a florada”, explica.

Segundo o técnico, pequenos ajustes contribuíram para a evolução da cultura. “Antes da assistência técnica, o produtor não utilizava de forma totalmente eficiente os insumos, os acompanhamentos melhoraram bastante os resultados das aplicações para manejo de pragas e momentos de adubação”, afirma.

Controle de pragas

Quem acompanha Emerich de perto é o técnico de campo Kályston Eduardo, engenheiro agrônomo do Senar Goiás, que há um ano realiza visitas mensais à propriedade. “Na época que começamos o acompanhamento, o manejo do senhor Emerich era limitado. Ele usava doses incompatíveis de produtos e não fazia a adubação



Produtor Emerich Luís da Silva e o técnico de campo do Senar Goiás, Kályston Eduardo

no momento certo. Introduzimos adubação foliar com foco em potássio durante a florada e isso mudou completamente a produção,” explica Kályston.

O resultado do trabalho foi uma florada mais resistente e uniforme, com aumento da produtividade. Para isso foram adotadas novas estratégias no controle de pragas, com rotação de princípios ativos e monitoramento constante. “Tivemos um ataque mais severo de pragas, mas rotacionamos os produtos e conseguimos um controle eficiente. O senhor Emerich é um produtor muito atento, passa linha por linha da lavoura todos os dias. Às vezes, até com aplicação demais, e temos que lembrar ele dos intervalos,” completa o técnico.

Por realizar o cultivo em época, em área mais isolada, e sem vizinhança de culturas como milho e soja, os desafios com pragas são menores. Mas essa não é uma realidade para maioria dos produtores, especialmente cigarrinhas, vaquinhas e mosca branca, pragas comuns da soja e do milho que migram para o feijão. Requer uma atenção redobrada por parte dos técnicos que assistem esses produtores. “Como as temperaturas estão altas, as aplicações de defensivos precisam ser feitas em horários muito específicos para não perderem eficácia. Alguns produtores que acompanho, por exemplo, têm propriedades cercadas por grãos por todos os lados, isso traz proble-



mas sérios com cigarrinha e vaquinha. As viroses se alastram rápido, e é preciso fazer controle constante. O monitoramento é essencial, principalmente nos primeiros 30 dias. Uma opção na propriedade foi pelo plantio em blocos: planta um pedaço hoje, espera 20 a 30 dias e planta outro. Isso dá mais controle sobre o manejo e facilita a colheita escalonada, o que é essencial quando a mão de obra é limitada”, relata Kályston.

Apesar dos desafios, o técnico acredita que o clima quente favorece o feijão, por ser uma cultura que responde bem a altas temperaturas. Para produtores com sistemas de irrigação, a janela de plantio se amplia ainda mais. Com irrigação, especialmente por fertirrigação, o produtor consegue mais eficiência e menos mão de obra.

Esse é o caso do produtor Itler Borges de Freitas, que já cultivava maracujá em uma área de 2.500 metros quadrados de sua propriedade de cinco hectares, e decidiu dar um novo passo e apostar no plantio do feijão-caupi como alternativa de renda de curto prazo. Com previsão de plantio em uma área de aproximadamente 3.000 metros quadrados, ele adaptou seu sistema de irrigação por gotejamento, já utilizado no maracujá,

para atender também à nova cultura. “É a mesma rede de água, só dividi os setores. Já estiquei as mangueiras e está tudo pronto para plantar. Vou plantar agora no início de agosto. Resolvi investir no feijão-caupi, pois foi um caminho para movimentar o caixa da propriedade enquanto o maracujá não começa a gerar retorno. A ideia é essa, ter um escape, uma renda mais rápida enquanto o maracujá cresce. E se não fosse pela irrigação, só poderia plantar em outubro, quando começam as chuvas aqui porque o feijão, com 60 a 90 dias, dependendo da variedade, você já está colhendo”, explica Itler.

O plantio, inicialmente previsto para julho, foi adiado por recomendação técnica. Segundo o produtor, a variedade que vai utilizar possui dois tipos de coloração – marrom e roxo –, com diferenças inclusive na cor das flores, mas ambas com características produtivas semelhantes. “Fez muito frio nos últimos 20 dias e poderia atrasar a germinação ou prejudicar a produção. Então resolvi esperar”, conta Itler.

Ele, que já recebia assistência técnica do programa ATeG Fruticultura do Senar Goiás desde o ano passado, reconhece que tem sido essencial nesse processo, garantindo que ele entre na nova cultura com mais confiança e planejamento. O produtor pretende vender o feijão ainda verde, diretamente na Ceasa, apostando na demanda local e na maior rotatividade do produto fresco. “Vou colher e levar para a Ceasa para ven-

der direto para os produtores de lá”, afirma Itler.

O feijão-caupi é uma pulse (semente seca comestível de leguminosa), como ervilha etc. Era até pouco tempo atrás cultivada praticamente só no Nordeste, mas há alguns anos vem ganhando importância e substituindo algumas culturas mais tradicionais, principalmente na safrinha para algumas regiões do Estado. A cultura tem uma função muito importante na condição de reter nutrientes no solo contribuindo para produção de outras culturas. “É uma cultura de fácil adaptação com resistência à seca, graças à sua origem no continente africano e além da capacidade de fixar nitrogênio da atmosfera através da sua associação com bactérias benéficas do solo (rizóbios), transformando o nitrogênio atmosférico (N_2), que é pouco disponível às plantas, em formas utilizáveis como amônia (NH_3) ou nitratos (NO_3). Logo, ainda deixa nitrogênio no solo disponível para outras culturas através do uso de seus restos culturais. Esse fornecimento de nitrogênio à planta de feijão pelas bactérias, reduz a necessidade de adubação nitrogenada, tornando a cultura mais sustentável e econômica, especialmente para a agricultura familiar”, explica Luiz César Lopes Filho, agrônomo com doutorado em fitossanidade e supervisor de ATeG do Senar Goiás.

Outra vantagem proporcionada pelo cultivo da cultura, segundo o supervisor, é o baixo custo de produção, pois necessita baixa quantidade de insumos e de um investimento inicial financeiro baixo sendo





Engenheiro agrônomo Marco Antônio Acevedo Barona desenvolveu projeto de sistema de produção em feijão em Goiás

de manutenção simples. “Devemos ressaltar ainda que é uma boa opção de rotação de culturas, comumente associada à rotação com milho, abóbora e hortaliças para quebrar o ciclo de pragas e doenças dessas culturas. Fora que é muito bem aceita em todas as regiões do nosso país, e um ótimo produto para exportação, caso o produtor venha a se tecnificar e montar cooperativas com este intuito. Existe uma tendência de busca de alimentos mais tradicionais e com bons teores de proteína vegetal e provavelmente isso causará um aumento da demanda por este alimento”, completa.

Em pesquisa publicada no início de 2025, no Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento pela Embrapa Meio-Norte, apresentando o desempenho produtivo de cultivares de feijão-caupi no Cerrado do estado de Goiás, uma parceria entre Embrapa Meio-Norte, Emater e a Fapeg, Marcos Antônio Acevedo Barona, engenheiro agrônomo venezuelano, com doutorado na Esalq, trabalhou como coordenador do projeto de sistemas de produção em Goiás, principalmente voltado para pequenos produtores ou agricultores familiares. O projeto desenvolveu sistemas de produção com cereais, milho, sorgo, arroz irrigado, arroz de terras altas, além de feijões, entre eles o feijão-caupi. “Observamos que a recomendação materiais (variedades) é para serem plantados na safrinha e no inverno quando se planta na primeira safra, pois de outubro em diante há muita chuva, muita precipitação o que favorece muita doen-

ça e vai afetar a produtividade. Então, levando em conta esse fator, é melhor deixar de plantar na época principal (das chuvas) e priorizar a entressafra e o inverno.”

Segundo ele, são materiais que se adaptam muito bem à condição de seca. “São bem tolerantes à seca, então podem ser plantados por pequenos produtores sem problema nenhum, na entressafra e no inverno. O inverno é principalmente para multiplicação de sementes, porque é mais seco, e isso permite uma produção de sementes de melhor qualidade”, orienta o pesquisador.

Ele explica ainda que resistência por parte do produtor em cultivar o feijão-caupi acontece mais por falta de conhecimento sobre essa cultura do que, necessariamente, alguma inviabilidade financeira. “É necessário levar materiais adaptados à condição local. Não adianta levar materiais muito tecnológicos, que exigem alta produtividade, uso intensivo de insumos, defensivos, esse tipo de coisa não pode ser aplicado diretamente ao pequeno produtor”, analisa.

Durante a pesquisa foram desenvolvidas duas frentes na região norte de Goiás, com predominância de altas temperaturas e que demandam capacidade de adaptação ao estresse hídrico. Também foram avaliados materiais convencionais com diversas arquiteturas de plantas e biofortificados ricos em Ferro e Zinco. O material que apresentou melhor produtividade foi o BRS Itaim. Já na região de Anápolis, o destaque foi a BRS Guariba, na re-

gião Sul, em locais como Rio Verde. “Observamos cultivares que também se adaptaram bem às condições agronômicas locais. Cada cultivar demonstrou comportamento específico conforme o ambiente, com manejos também que são diferenciados, por exemplo, fizemos plantios em épocas distintas. A ideia era justamente observar como cada cultivar se comportava em diferentes condições e conseguimos chegar em cada situação específica, em materiais, mais adaptados”, conta.

O desdobramento do projeto deu origem ao programa de multiplicação de sementes que começou em 2023. Apesar de uma paralisação, o material utilizado está começando a fase de multiplicação de sementes com os produtores. “Estamos trabalhando com os agricultores por meio de um processo que chamamos de melhoramento participativo, onde levamos as cultivares até eles, fazemos as unidades demonstrativas no campo, para mostrar o desempenho das variedades e, junto com os produtores, selecionar os materiais que melhor se adaptam às condições e às necessidades locais”, revela.

Para dar continuidade a um ponto-chave, que não se aplica só ao feijão-caupi, mas para qualquer cultura, é preciso começar com essa base, por isso a assistência técnica se faz tão importante, com a missão de incentivar o produtor, além de melhorar a renda dele.



Período mais seco demanda maior esforço contra incêndios em Goiás

Sistema Faeg/Senar/Ifag acredita que a qualificação e a união de produtores são as melhores iniciativas para conter possíveis chamas nos campos do Estado

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

Em Silvânia, na região central de Goiás, produtores rurais têm dado exemplo de como o combate aos incêndios pode ser mais eficaz quando há organização e cooperação. Com um grupo de WhatsApp, que reúne centenas de produtores, funcionários de fazendas e bombeiros, a mobilização para controlar focos de incêndio ocorre de forma rápida e se tornou - mesmo sem estrutura física permanente - um exemplo de brigada no campo, que atua com eficiência no controle a incêndios. “Sempre que tem um foco, todo mundo já avisa um ao outro para se mobilizar e conseguir controlar o mais rápido possível, evitando que as chamas se espalhem”, informa Adriano Alves

Ferreira, sócio da Fazenda Planalto, que cultiva grãos na região.

Além da comunicação ágil, as propriedades estão bem equipadas com abafadores, tratores com grade de arado e caminhões-pipa. Segundo Adriano, a estratégia é dividida por microrregiões. “Quem está mais próximo ao foco do incêndio, presta o primeiro suporte e isso traz uma resposta muito eficiente”, ressalta. A iniciativa local, além de inspiradora, vai ao encontro das iniciativas do Sistema Faeg/Senar/Ifag para evitar o crescimento das estatísticas de incêndio no estado. Inclusive, o Sistema integra o Comi-

tê Estadual de Gestão de Incêndios Florestais (CEGIF), formado por diversas entidades públicas e privadas, com o objetivo de coordenar ações integradas de prevenção e combate aos incêndios florestais.

“Em resposta aos riscos crescentes, com a intensificação da seca, o Sistema Faeg/Senar/Ifag tem intensificado as ações educativas em todo o estado, promovendo reuniões, palestras, encontros regionais e eventos em Sindicatos Rurais, com a presença do Corpo de Bombeiros, com foco em conscientizar os produtores sobre práticas preventivas, legislação e condutas corretas em caso de queimadas”, destaca o assessor de meio ambiente da Faeg, Thiago Castro.



Essas ações são complementadas com cursos gratuitos do Senar Goiás, voltados à prevenção e combate a incêndios rurais, que abordam manejo integrado do fogo, uso de equipamentos, comportamento do fogo e estratégias de contenção. “Qualquer sindicato dos 246 municípios goianos pode solicitar o curso gratuito ou as nossas palestras”, enfatiza Thiago.

Avanços e atenção

A legislação também tem avançado nesse sentido. A Lei nº 12.189, sancionada em setembro de 2024, ampliou as penalidades e a responsabilização quanto ao uso do fogo. Diante disso, é fundamental que o produtor rural busque capacitação, oriente equipes, registre a realização de aceiros e sempre comunique ao Corpo de Bombeiros. Essas medidas são essenciais para comprovar que foram adotadas ações preventivas e ostensivas no combate ao fogo.

Segundo os dados mais recentes do Corpo de Bombeiros de Goiás, houve uma queda no número de ocorrências de incêndios em vegetação no comparativo anual. Em junho de 2025, foram registrados 977 focos em todo o estado, enquanto no mesmo período de 2024 o número chegou a 1.344. “Ainda assim, os registros de julho acendem o sinal



Reunião para traçar ações e estratégias preventivas em relação a incêndios

Divulgação

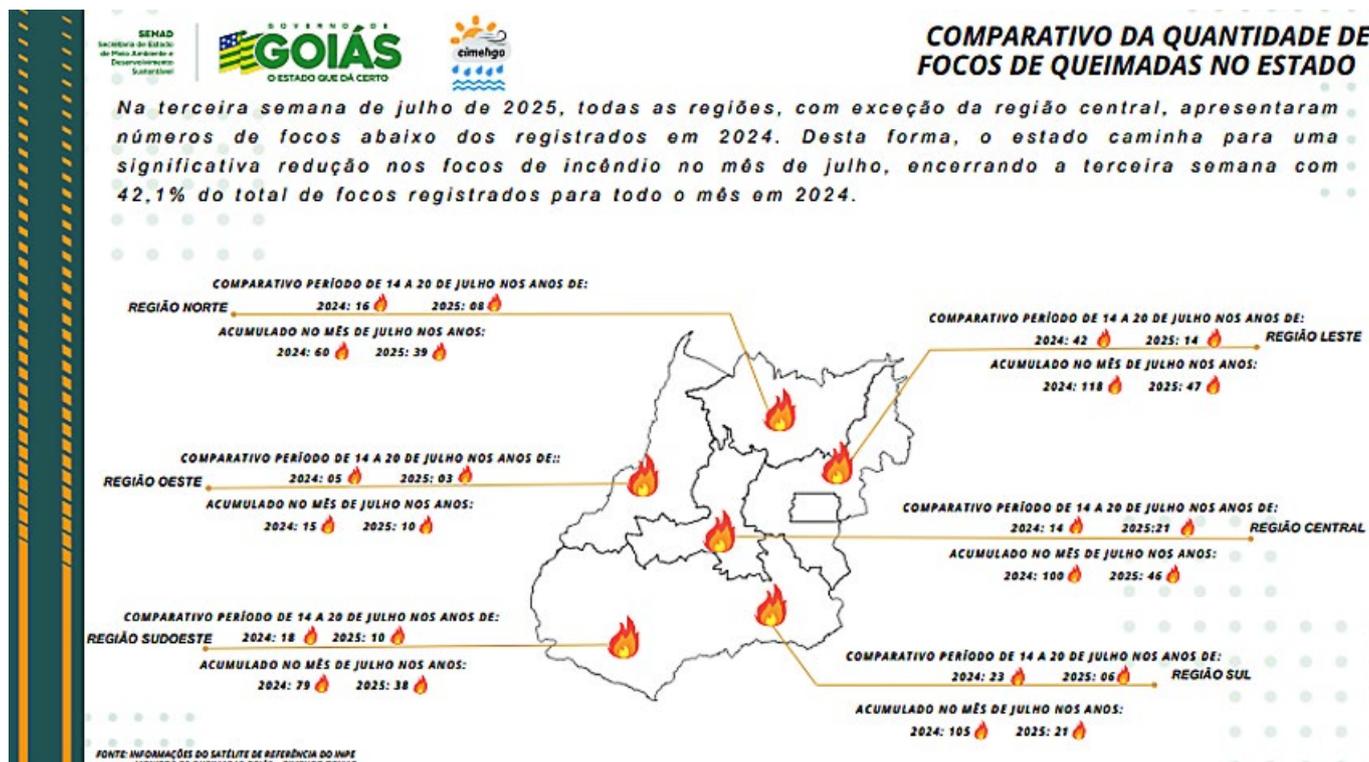
de alerta: até o dia 20, foram contabilizados 844 focos, o que representa uma média diária de 42 incêndios, superior a junho. Há necessidade de atenção para a região Central pois foi a única que apresentou aumento”, relata Thiago.

Mesmo com esse recuo pontual, os meses de agosto e setembro são historicamente os mais críticos para as queimadas em Goiás. No ano passado, quase 449 mil hectares foram consumidos pelo fogo, especialmente nos municípios de Formosa, Mineiros, Rio Verde e Jataí. Mais da metade das áreas atingidas estavam em zonas de produção agropecuária, segundo o Relatório Consolidado de Incêndios Florestais de 2024, elaborado pela Secretaria de

Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad).

No Cerrado, a situação foi especialmente preocupante. Em setembro de 2024, o número de focos ativos já ultrapassou o total registrado durante todo o ano anterior. Foram 59.144 ocorrências, contra 50.713 em todo o ano de 2023, conforme levantamento do Inpe.

Diante desse cenário, o governo estadual decretou, em 9 de julho, estado de emergência ambiental. A medida autoriza a adoção de ações emergenciais, como aquisição de equipamentos e contratações para reforçar o combate aos incêndios, além de proibir o uso do fogo em áreas rurais. Nas zonas urbanas, o uso já é restrito por lei.



Boletim do CIMENGO - 22 de julho de 2025

Dia de Campo destaca potencial do girassol na segunda safra em Goiás



Parceria entre Ifag, Caramuru e Embrapa reúne produtores, estudantes e técnicos para troca de experiências e apresentação de cultivares

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

O dia de campo “Girassol em Campo”, promovido em junho pelo Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (Ifag), em parceria com a Caramuru Alimentos, reuniu produtores, estudantes e representantes do setor agropecuario na sede da Embrapa Arroz e Feijão, em Goiânia. O objetivo foi fomentar conhecimento, promover troca de experiências e apresentar oportunidades para o cultivo de girassol em Goiás.

Os participantes puderam visitar áreas com seis cultivares diferentes, desenvolvidas em parceria entre Ifag e Embrapa, que também conduziram o plantio e a estruturação dos talhões. Goiás é hoje o maior produtor de girassol no Brasil, e o evento

reforçou a importância da cultura para a segunda safra.

Para o chefe-geral da Embrapa Arroz e Feijão, Elcio Perpétuo Guimarães, não se pode negar a importância do girassol para o estado de Goiás. De acordo com ele, a Embrapa realiza diversas pesquisas na área, e eventos como o dia de campo são essenciais para aproximar a ciência do campo. “Somos uma das instituições que mais desenvolvem pesquisas com girassol, e um dia de campo como este, em que podemos mostrar o que está sendo feito e trazer a pesquisa para perto do produtor, é muito importante. Parcerias como essa são fundamentais, porque nós geramos conhecimento, mas ele precisa chegar ao produtor. Ter

parceiros como o Ifag e a Caramuru, que estão conosco nesse processo, é essencial. Eles são o elo que faz com que as tecnologias desenvolvidas não apenas pela Embrapa, mas também por outras instituições, cheguem efetivamente ao campo. Dias de campo como este são esse passo: a conexão entre a pesquisa e o produtor rural”, destaca.

O agricultor tem gerado, a cada dia, mais demanda por inovações, e a cultura do girassol ganha importância nos sistemas de produção em termos de tecnologias, cultivares e manejo — com a mesma velocidade que o agronegócio exige para continuar produzindo com excelência. “Os gargalos do setor produtivo também são superados por

Fredox Carvalho



Participantes da programação do encontro realizado na sede da Embrapa Arroz e Feijão

meio da união entre entidades que trabalham em parceria. Essa caminhada conjunta com a Embrapa, no Projeto Faztec, tem trazido flexibilidade para a pesquisa, mas, mais do que isso, aproxima o setor produtivo da ciência, permitindo que a pesquisa retorne ao campo e seja realmente aplicada à realidade do produtor. A parceria com a Caramuru é um caso de sucesso. Trata-se de uma cultura que vem se desenvolvendo muito bem em Goiás, com excelente margem de lucro e uma ótima opção para a segunda safra no estado”, afirmou o presidente do Ifag e vice-presidente da Faeg, Armando Rollemberg.

Em palestra sobre custo e rentabilidade, o engenheiro agrônomo e gerente técnico do Ifag, Leonardo Machado, reforçou que o girassol oferece ao produtor uma excelente oportunidade na segunda safra. “O mercado mundial de óleos vegetais está em crescimento, com destaque para girassol e canola. São produtos com boa aceitação, inclusive para produção de biodiesel. Estamos trazendo análise de mercado, custos, rentabilidade e desafios de manejo para que o produtor tenha uma visão completa da atividade”, explicou.

A Caramuru, empresa que se tornou referência no cultivo e na produção do girassol, planeja expandir sua área plantada de 53 mil hectares em 2024 para 80 mil hectares nos próximos dois anos. Durante o evento, o gerente de Girassol da empresa, Túlio Ribeiro Silva, apresentou o modelo de negócio adotado para a cultura.

“A cultura do girassol é extremamente importante para o produtor



Superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges reforçou a importância da ATeG para a cultura do girassol no Estado

Fredox Carvalho

rural, principalmente na mitigação de riscos, pois demanda apenas 250 milímetros de chuva para entregar resultados positivos. É uma cultura com excelente custo-benefício. Se considerarmos que o custo médio por hectare gira em torno de R\$ 1.800 e a receita bruta pode ultrapassar R\$ 3.500 por hectare, temos uma duplicação da receita líquida em termos de custo”, afirma Túlio.

Ele também destacou a importância da parceria com instituições que fortalecem o agronegócio em Goiás. “É a primeira vez que realizamos um evento conjunto entre Caramuru, Senar Goiás, Faeg e Embrapa. Isso só engrandece o nosso trabalho. São instituições com grande credibilidade junto ao setor, e a Caramuru compartilha dessa reputação. Com 61 anos de mercado, fomos responsáveis por trazer a cultura do girassol para Goiás há 26 anos. Já passamos por muitos ajustes técnicos e comerciais para, cada vez mais, entregar ao produtor uma alternativa de negócio extremamente viável e segura. Hoje, o agricultor precisa ser também um bom gestor, e a diversificação de culturas — e, consequentemente,

te, de mercados — é uma excelente estratégia.”

Em um segundo momento do evento, durante a visita às áreas de amostragem, foram realizadas palestras técnicas sobre “Possibilidades e desafios na cultura do girassol”, com Fábio Rogério Uemura, engenheiro agrônomo e pesquisador da Agro Jataí Pesquisa e Tecnologia, e “Apresentação dos híbridos plantados e manejos”, com Vilmar Junior, engenheiro agrônomo e analista de mercado do Ifag.

O Senar Goiás, por meio do programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), também tem registrado diversos casos de sucesso com a cultura do girassol. “Essa tem sido uma oportunidade oferecida pelo Senar Goiás e bem aceita pelos produtores que buscam a rotação de culturas em suas áreas. Reunir vários produtores em um ambiente que difunde conhecimento e tecnologia é essencial para que possamos expandir essa cultura por todo o estado. É extremamente gratificante fazer parte desse projeto e contribuir para gerar novas oportunidades aos nossos agricultores em Goiás”, comemora o superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges.



Fredox Carvalho



Fredox Carvalho



Diversos aspectos da cultura foram apresentados durante o Dia de Campo

Fredox Carvalho



Presidente do Ifag e vice-presidente administrativo da Faeg, Armando Rollemberg Neto reforça que o girassol é uma cultura que vem se desenvolvendo bem em Goiás

Fredox Carvalho

Novo curso do Senar Goiás estimula produção de mangas no estado

Lançamento ocorreu em Flores de Goiás, onde os técnicos de campo e instrutores já atuam levando assistência técnica e qualificação aos produtores que fazem parte do Projeto de Fruticultura Irrigada do Vão do Paranã

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

Durante anos, o produtor José Vanderley Gomes, conhecido como Vando, não conseguia viver apenas da roça. A renda gerada em sua propriedade rural, com 27 hectares no município de Flores de Goiás, no Nordeste Goiano, era incerta. Para sustentar a família, ele precisava trabalhar em Brasília como pedreiro. “O que a gente plantava aqui não dava renda certa. Era difícil manter a família só com o que

tirava da terra”, conta. Essa realidade começou a mudar quando Vando decidiu participar do Projeto de Fruticultura Irrigada do Vão do Paranã, iniciativa do Governo de Goiás, que tem vários parceiros — entre eles o Senar Goiás — e que tem levado assistência técnica e capacitação a produtores familiares da região.

Criado em 2023, o projeto atua em cidades como Flores de Goiás, Formosa e São João d’Aliança. Cada

produtor selecionado recebe apoio para cultivar um hectare de manga e um hectare de maracujá, com foco na fruticultura irrigada em escala comercial. A expectativa é que, com três anos de implantação, cada hectare possa gerar mais de R\$ 210 mil em receita bruta anual, segundo a Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa). O projeto também capacita os participantes em cooperativismo,

Divulgação



Produtor José Vanderley Gomes, de Flores de Goiás, com a mulher Ana Clésia e o filho Gabriel no pomar de mangas em crescimento. O local foi sede para o curso de fruticultura da manga oferecido pelo Senar

Divulgação



Divulgação



Divulgação



comercialização, manejo e gestão.

Hoje, Vando cultiva 1.280 plantas de maracujá e já está iniciando o segundo ciclo de plantio. “Mudou demais a nossa vida. É uma renda que tem nos deixado muito animados. Já compramos 500 plantas, vamos plantar agora, e depois vamos fazer mais mudas para completar mil no total”, explica.

A esperança de ter ainda mais lucro vem de 420 pés de manga, que foram plantados há quase dois anos. “Parte das mangueiras já está florando, mas o planejamento técnico é para induzir a frutificação comercial a partir do terceiro ano, como recomenda o cronograma do projeto”, diz.

Além da assistência técnica, Vando recebeu, em sua propriedade, a equipe do Senar Goiás para a realização do curso de Fruticultura Manga. A formação prática reuniu outros produtores da região para aprender diretamente no campo, com apoio de instrutores e foco na realidade local.

Segundo a coordenadora de Formação Profissional Rural do Senar Goiás, Yanuzi Camilo, o curso ensina todas as etapas da produção da manga, do plantio à comercialização. “A formação cobre desde a escolha do terreno e preparo do solo até poda, controle de pragas, colheita e pós-colheita. Tudo com foco na prática. O curso é gratuito e acessível aos produtores cadastrados pelo sindicato rural”, conta.

Para Vando, a capacitação foi decisiva. “Depois do curso, comecei a cuidar direito da plantação. Uma parte estava meio abandonada, devido ao nosso trabalho ser braçal, não estávamos conseguindo cuidar



Capacitação realizada em Flores de Goiás

Divulgação

de tudo, mas com o incentivo que tivemos no curso, já estamos organizando tudo”, afirma.

A expectativa do produtor vem de um cenário positivo em nível nacional. O Brasil é hoje um dos principais exportadores de manga do mundo. Em 2024, a fruta foi a mais exportada pelo país, com faturamento superior a US\$ 350 milhões até maio, segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa). Os principais mercados compradores são Estados Unidos e União Europeia.

Com produtividade média de 30 toneladas por hectare em áreas irrigadas, o cultivo da manga repre-

sentará uma oportunidade real de aumento de renda, especialmente quando aliado à assistência técnica e manejo profissional, como vem sendo desenhado no Vão do Paraná.

“Quando a manga começar a produzir, esperamos uma boa renda. E com o maracujá a gente já conseguiu uma certa estabilidade, até vamos quitar o financiamento. Melhorou muito. Eu e minha família estamos animados”, conclui.



SAIBA MAIS

O curso de Fruticultura Manga tem duração de 16 horas e está disponível para quem se interessar pelo cultivo. Ele é realizado em dois dias. A agenda está disponível em: <https://sistemafaeg.com.br/senar/cursos-e-treinamentos/fruticultura-manga>.

O conteúdo aborda: importância econômica da manga; exigências de solo e clima; propagação por sementes e enxertia; preparo do solo e plantio; nutrição e adubação; poda e indução floral; tratamentos culturais; manejo de pragas e doenças.

Divulgação



Coordenadora de FPR do Senar Goiás, Yanuzi Camilo, e mobilizador da região durante orientação aos produtores

Goiás se torna o estado com o maior número de produtores assistidos no País

Em menos de dez anos, o número de técnicos de campo subiu de 140 para 700, permitindo que a ATeG chegue a mais de 18 mil produtores. O resultado desse sucesso se deve ao trabalho da equipe constantemente qualificada, como ocorreu no encontro estadual realizado em julho

Revana Oliveira | revana@sistemafeag.com.br

Em 2016, como primeiro técnico de campo do Senar Goiás, João Paulo Gonçalves Vieira deu início a uma missão desafiadora: aplicar junto aos produtores rurais a metodologia de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), até então inédita no estado. O começo foi na região central, no município de Silvânia, com um grupo de bovinocultura leiteira. O que poucos sabiam, na época, é que aquela experiência pioneira se transformaria em uma revolução no campo goiano. “Quando iniciei o trabalho como técnico de campo, era muito difícil implantar a metodologia de Assistência Técnica e Gerencial. Havia resistência por parte do produtor. Era algo novo para ele e também para nós, técnicos”, relembra João Paulo.

O primeiro desafio era convencer. Com um formato inédito de acom-

panhamento técnico, aliado à gestão da propriedade, muitos produtores relutavam em abrir suas porteiras e passar as informações da propriedade para que o técnico conseguisse mapear o que precisava ser mudado. Faltava familiaridade, mas sobrava potencial. Era preciso muita força de vontade para ganhar a confiança e quebrar a resistência. “Por isso, era difícil encontrar produtores com o perfil adequado para receber esse tipo de assistência, que fossem abertos à inovação e dispostos a absorver as tecnologias, técnicas de produção e também as ferramentas gerenciais que fazem parte da metodologia da ATeG”, conta.

Além da resistência, a infraestrutura também era limitada. Em tempos anteriores aos softwares de apoio, como o SISATeG e o AppConecta,

tudo era feito à mão. O que exigia dos técnicos não só dedicação, mas um envolvimento profundo com cada detalhe da propriedade.

“Era necessário coletar, tabular, interpretar os dados e apresentá-los ao produtor. Isso aumentava a complexidade do trabalho, mas também contribuía muito para o aprendizado. A rotina manual nos forçava a conhecer cada detalhe, e, com o tempo e a experiência dos atendimentos, o domínio sobre o conteúdo e sobre a metodologia foi aumentando e ela foi sendo apresentada de uma forma mais prática e eficiente”, detalha.

Passo a passo, com persistência e resultados concretos, a metodologia começou a despertar a atenção de novos produtores que passaram a procurar o acompanhamento. A confiança cresceu na medida em que as



Supervisor de ATeG Bovinocultura de Leite, João Paulo Gonçalves Vieira, produtor Fáblio da Fazenda Porto Remanso e técnico de campo Weverton Clintino

propriedades evoluíam. Claro que isso envolveu um trabalho de marketing e comunicação, com a divulgação dos casos de sucesso.

Mesmo assim, muitos produtores que começam a receber a assistência ainda têm dificuldade de aceitar mudanças para implementar a metodologia. Cabe ao técnico de campo ter preparo para contornar a resistência de mudar a forma com que ele sempre trabalha, que às vezes aprendeu com o pai, com o avô, mas que hoje não permite crescimento sem adaptações.

“A gente precisa de muito embasamento, muito conhecimento para conseguir passar recomendações assertivas para que ele não desista e que acredite que os investimentos recomendados darão retorno. O mais importante nesse trabalho é a transferência de conhecimento. A cada visita de quatro horas que fazemos, estamos proporcionando aprendizado. E esse aprendizado tem como foco principal melhorar a qualidade de vida do produtor no campo, gerar resultados, margens positivas e garantir a sustentabilidade do negócio rural”, descreve João Paulo.

Com a consolidação da ATeG do Senar Goiás, João Paulo também evoluiu. Em outubro de 2019, tornou-se supervisor técnico de bovinocultura de leite, acompanhando o trabalho de profissionais nas cidades de Silvânia, Orizona, Vianópolis, Pires do Rio, Luziânia e Alexânia. “Desde então, além de atender os produtores com mais embasamento e experiência, posso compartilhar esse conhecimento com novos técnicos de campo”, relata.

Maior quantidade

Por causa do aumento da quantidade de novos técnicos de campo, Goiás se tornou pioneiro no país como o estado com o maior número de produtores assistidos. “Em menos de dez anos, o programa saltou de pequenos grupos para mais de 18 mil produtores acompanhados, com impacto direto na produtividade, na gestão e na renda das famílias. E isso só foi possível porque multiplicamos também nossa equipe técnica, saindo de 140 para 700 técnicos de campo atuando em todas as regiões do estado. É um trabalho de transformação real e permanente”, enfatiza



Encontro estadual de técnicos de campo reuniu mais de 700 profissionais em busca de qualificação e para celebrar expansão da ATeG

Fredox Carvalho

o superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges

Essa força do Senar Goiás, por meio da ATeG, foi evidenciada durante o Encontro Estadual de Técnicos de Campo, realizado nos dias 3 e 4 de julho de 2025, no Centro de Convenções de Anápolis. O evento reuniu mais de 700 profissionais ligados à assistência técnica e gerencial, com foco na qualificação, troca de experiências e alinhamento estratégico. Palestras técnicas e motivacionais fizeram parte da programação, com destaques para Ricardo Arantes, especialista em gestão e liderança, Fernando Rufino, bicampeão paralímpico, e a jornalista especializada em agro, Kellen Severo.

“Sem dúvida, essa troca de informações e essa qualificação vão fazer com que cada vez mais os técnicos de campo agreguem conhecimento para o desempenho de um trabalho mais assertivo no objetivo de melhorar a produção, a renda e, é claro, a qualidade de vida dos produtores rurais”, afirma José Mário Schreiner, presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag.

Durante o encontro, o diretor do Senar nacional, Daniel Carrara, destaca

o papel de protagonismo da instituição em Goiás. “Quando esses técnicos de campo retornarem aos seus municípios, eles ajudarão a melhorar o setor rural de Goiás. Isso traz muita energia, muito resultado, muita gente nova, contribuindo para o agro continuar crescendo”.

O acompanhamento do Senar Goiás é oferecido nas áreas de horticultura, fruticultura, grãos, pecuária de corte, pecuária de leite, apicultura, piscicultura, agroindústria, avicultura, ovinocaprinocultura e silvicultura. A solicitação pode ser feita nos Sindicatos Rurais. Os interessados em atuar como técnicos de campo da instituição devem ter formação em áreas ligadas ao agro. As oportunidades de seleção e inscrição para a Academia de Formação são divulgadas nos canais oficiais, como o site e o perfil no Instagram: @sistemafaeg.

“O Senar Goiás tem uma metodologia robusta, bem definida e com grande impacto. Além disso, vem cumprindo seu papel de formar profissionais com excelência e levar transformação às propriedades”, finaliza o superintendente Dirceu Borges.



Participaram do evento o vice-presidente administrativo da Faeg, Armando Rollemberg, o superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges, o diretor geral do Senar nacional, Daniel Carrara, e o presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, José Mário Schreiner

Fredox Carvalho

Agricultura urbana ganha força com capacitação do Senar Goiás

Qualificação técnica leva hortas produtivas a escolas, instituições e comunidades, aproveitando espaços ociosos e aproximando o campo da cidade

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

Agricultura urbana vem ganhando força em Goiás como uma solução prática e eficiente para o cultivo de alimentos saudáveis de forma acessível, ocupando áreas vagas nas cidades, fortalecendo a segurança alimentar e promovendo transformação social. O Senar Goiás está à frente dessa mudança, oferecendo cursos para construção e manutenção de hortas.

Em Goiânia e em diversos municípios do estado, o Senar Goiás já atua há vários anos contribuindo com a implantação de hortas comunitárias em escolas, associações e várias entidades, além de qualificar milhares de pessoas anualmente com mão de obra. Por causa do sucesso desse trabalho, foi firmada no dia 8 de julho uma nova parceria entre a Prefeitura de Goiânia e o Sistema Faeg/Senar/Ifag. A instituição, referência em qualificação, será responsável pela capacitação de profissionais por meio de cursos gratuitos e formação técnica de qualidade, para a construção de 50 hortas no município.

Um dos destaques é a horta do Paço Municipal, que ocupa mais de 1.200 metros quadrados, com produção de hortaliças, tubérculos e temperos. A iniciativa prevê o abastecimento do banco de alimentos do município, escolas, instituições sociais e espaços de acolhimento.

Maria de Lourdes é uma das funcionárias da horta e fez o curso de Olericultura do Senar Goiás. “Eu acho que é também uma maneira de a gente manter a tradição das nossas avós, da nossa mãe, que sempre cultivavam hortas. E, desde aquela época em que não se tinha muitos recursos, as hortas garantiam sempre uma mistura fresquinha”, conta.

O superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges, destaca o impacto social da ação. “Com a agricultura urbana, conseguimos unir inclusão, geração de renda e alimentação saudável. O Senar Goiás entra como base técnica para que essas hortas sejam produtivas, organizadas e sustentáveis. Estamos aqui para formar pessoas e transformar realidades”, reforça.

Em maio deste ano, a Prefeitura de Aparecida de Goiânia fez uma reunião para também alinhar a implantação de hortas urbanas no município, contando com o apoio do Senar Goiás. Segundo levantamento apresentado, a cidade possui mais de 70 mil lotes baldios, muitos deles com potencial para se transformarem em hortas urbanas que envolvam famílias, escolas e instituições comunitárias.

Para o presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, José Mário Schreiner, a agricultura urbana é também uma ferramenta poderosa de inclusão social,



Horta do paço municipal. Outras 50 devem ser construídas até o fim do ano por meio de qualificações oferecidas pelo Senar Goiás

segurança alimentar e educação. “Com iniciativas como essa, conseguimos levar conhecimento, oportunidade e alimento saudável para dentro das cidades, promovendo dignidade e desenvolvimento para as comunidades. É um exemplo claro de que o campo e a cidade podem caminhar juntos por um futuro mais sustentável”, destaca.

O curso de olericultura do Senar Goiás é oferecido gratuitamente e está disponível também para todos os interessados via Sindicato Rural. A agenda está disponível em: <https://sistemafaeg.com.br/senar/cursos-e-treinamentos/olericultura>. Há ainda o curso online “Cultivo e Produção de Hortas”, que pode ser feito por meio do site: <https://ead.senargo.org.br/curso/cultivo-e-producao-de-hortas>.



Presidente do Sistema Faeg, José Mário Schreiner, e superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges, participam da entrega de certificado do curso de olericultura para servidores que trabalharão na construção de hortas urbanas em Goiânia

A diplomacia que falha, o agro que paga



José Mário Schreiner

é presidente do Sistema Faeg/Senar e do Conselho Deliberativo do Sebrae Goiás, e 1º vice-presidente da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)

Fomos surpreendidos pela proposta de tarifaço de 50% sobre as importações brasileiras anunciado pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Trata-se de uma medida que, além de arbitrária, fere o espírito de cooperação histórica entre os dois países. Mas não é apenas sobre o gesto de Trump que precisamos refletir. O que está em jogo é a fragilidade da atual diplomacia brasileira, que se distancia do diálogo equilibrado e coloca em risco setores inteiros da nossa economia, especialmente o produtor rural.

Infelizmente, o Brasil tem flertado com a ineficiência diplomática em diversos momentos recentes. A defesa da desdolarização do comércio internacional, os alinhamentos ideológicos instáveis dentro do bloco dos BRICS e o afastamento de parceiros estratégicos colocaram o país em rota de colisão com potências econômicas, e os impactos disso já começam a ser sentidos.

A agricultura e a pecuária brasileiras podem se tornar os primeiros

alvos práticos dessa instabilidade. Goiás, por exemplo, é fortemente exportador e depende de relações comerciais sólidas e previsíveis. Quando o governo não assegura um ambiente de confiança internacional, quem sofre é o setor produtivo, que se vê diante de barreiras comerciais, incertezas cambiais e desvantagens competitivas. Cada mercado fechado por falta de diálogo é uma porta trancada para o agro. A gestão da ex-ministra Tereza Cristina, por exemplo, mostrou como uma diplomacia técnica e respeitada internacionalmente pode abrir mercados, garantir sanidade, proteger a imagem do Brasil e evitar prejuízos, mesmo em cenários adversos.

Ao propor tarifas sobre produtos brasileiros, Trump se vale de um argumento fácil: a falta de firmeza e previsibilidade na condução da política externa do Brasil. Não se trata apenas de retórica eleitoral ou de uma bravata política; é o reflexo da ausência de uma diplomacia ativa, técnica e estratégica. É justamente nesses momentos que

os governos devem agir com prontidão, acionando canais de diálogo e defendendo o produtor nacional com argumentos sólidos e posicionamento firme — e não com hesitações ideológicas.

É preciso lembrar que mais de 90% das empresas brasileiras são micro e pequenas, e grande parte delas está no campo. O agro não pode pagar a conta de uma geopolítica mal conduzida. Nossa economia não pode ser refém de narrativas desconectadas da realidade de quem produz, emprega e movimenta o país.

O Brasil precisa urgentemente de uma diplomacia pragmática, previsível e leal ao interesse nacional. O setor agropecuário, que tanto contribui para o crescimento do país e para a segurança alimentar mundial, exige respeito, representação técnica e segurança jurídica em seus mercados externos.

De nossa parte, seguimos vigilantes. O que está em jogo não é apenas uma tarifa: é o futuro da competitividade brasileira no cenário global.



Alecrim saudável e bonito em casa

Revana Oliveira | revana@sistemaFaeg.com.br



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

Envie suas dúvidas

A Revista Campo abre espaço para responder dúvidas dos nossos leitores sobre produção, cultivo, criação, ações do Sistema Faeg Senar, entre outros assuntos. Envie suas perguntas para o e-mail revistacampogoias@gmail.com. Participe!

Moradora de Uruaçu, Ana Godoi quer cultivar um pé de alecrim bonito e saudável em casa. Já tentou de várias formas, buscou mudas com vizinhos, comprou em floricultura, entre outros. No início, as plantas até pareciam vingar, as folhas ficavam verdes, mas depois de um tempo escurecem e caem. Ela disse que rega todos os dias de acordo com a necessidade e as mantém no sol.

Dúvida | A leitora pede ajuda para entender onde está o erro e, principalmente, como fazer dar certo de uma vez por todas?

Resposta | O que muitos não sabem é que o alecrim, apesar de parecer delicado, é uma planta rústica, resistente e cheia de benefícios. Ter um pé de alecrim em casa vai muito além da decoração: é um verdadeiro aliado na cozinha, na saúde e até no bem-estar. Suas folhas aromáticas são usadas como tempero em diversos pratos, carnes, legumes, pães e molhos, trazendo sabor e perfume marcantes. Além disso, o alecrim tem propriedades medicinais que atravessam gerações, pois é digestivo, anti-inflamatório e antioxidante. Um chá feito com suas folhas pode ajudar a aliviar gases, desconfortos estomacais e até dores de cabeça. E tem mais: o aroma do alecrim é conhecido por estimular a memória, o foco e a concentração, sendo uma ótima companhia para quem estuda ou trabalha. Também funciona como repelente natural, afastando mosquitos e outros insetos indesejados, e pode ser usado em receitas caseiras de cuidados com o cabelo e a pele, ajudando no combate à caspa e fortalecendo o couro cabeludo.

Dicas para um bom cultivo:

Corte um ramo saudável de uns 10 a 15 centímetros, de preferência sem flores, e retire as folhas da parte de baixo. Esse galho pode ser colocado em um copo com água limpa, que deve ser trocada a cada dois dias. Em cerca de duas semanas, começam a surgir raízes. Quando estiverem com pelo menos três centímetros, já pode ser plantado na terra. Outra opção é plantar direto na terra, desde que esteja úmida e com boa drenagem. Nesse caso, é importante escolher um vaso com furos no fundo, de preferência de barro, e usar uma mistura leve de terra com areia grossa ou substrato próprio para ervas. Depois de enraizado, o alecrim exige poucos cuidados, mas alguns detalhes fazem toda a diferença. Ele precisa de muito sol, pelo menos quatro a seis horas por dia, então o ideal é deixá-lo em um local bem iluminado. Nada de exagerar na água: o solo deve estar completamente seco antes da próxima rega. Alecrim não gosta de terra encharcada e o excesso de umidade pode ser justamente o motivo das folhas escurecerem e caírem. Também é importante podar de vez em quando, sempre com cuidado, para estimular novos brotos e manter a planta cheia.

E uma dica importante para deixar o alecrim ainda mais forte é fazer uma adubação leve a cada dois ou três meses. Pode-se usar um punhado de húmus de minhoca ou um pouco de composto orgânico caseiro. Para quem prefere algo mais prático, existe adubo granulado específico para ervas e temperos, que deve ser usado com moderação, afinal, o alecrim não precisa de muito para se desenvolver bem. Caso apareçam manchas estranhas ou sinais de fungos, é bom suspender as regas, garantir mais ventilação e, se necessário, usar soluções naturais como extrato de própolis ou calda bordalesa. Acredito que com essas orientações, o alecrim vai finalmente vingar.



Resposta enviada pela técnica de campo do Senar Goiás, Clistiane dos Anjos Mendes.

É possível ter mudas de roseiras usando o miolo da flor?

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

A Amanda Gutierrez, de Anápolis, é uma apaixonada por rosas. Sempre tenta pegar mudas onde as encontra. No entanto nem sempre é possível cortar um galho. Ela viu recentemente um vídeo em que uma pessoa planta o miolo da flor e surgem várias mudas. Ela pergunta: isso é mito ou verdade? E qual a melhor maneira de fazer boas mudas e de cuidar para que se desenvolva rápido?



Mito!

Aprender melhor sobre os métodos de propagação de roseira é muito importante, principalmente para as pessoas que são apaixonadas em roseiras e querem fazer coleção ou montar um jardim. Mas a ideia de propagação de roseiras pelo método de plantio de miolos da flor é mito.

Embora esse método não seja viável para a propagação da roseira, existem vários outros métodos que têm comprovação científica para a propagação de novas mudas. Vou citar alguns e espero que te ajudem.

1. Propagação por Sementes

As sementes são encontradas no miolo da flor, assim que é realizada a polinização, formação e enchimento das sementes dentro do miolo, caimento das pétalas e o amadurecimento. O miolo, chamado de pseudofrutos, deverá estar bem formado, duro e seco, no qual será cortado e extraído as sementes (nem todo miolo terá sementes). As sementes deverão ser despulpadas, secadas e depois passarão por um processo de quebra de dormência por meio de rápido armazenamento na geladeira por algumas semanas em uma temperatura de 4° a 10°. As sementes serão plantadas em um substrato comercial específico para plantio de sementes. Tempo de germinação de 10 a 30 dias.

2. Propagação por Estaquia

As estacas serão cortadas com uma tesoura de poda, no tamanho de 20 a 30 cm. Após, é preciso limpar as estacas retirando as folhas. As estacas deverão ser cortadas na base do pé chanfrada abaixo de um nó, e logo em seguida deverão ser colocadas de molho na água para repouso ou realizado o plantio em areia grossa mais terra vegetal com perlita, proporcionando uma boa aeração e enraizamento. Uma sugestão é tratar as estacas com hormônios enraizadores antes do plantio. As estacas serão plantadas em garrafas pets ou recipientes furados, colocadas em um ambiente com luz indireta. Irrigue todos os dias. Tempo de enraizamento de 4 a 8 semanas. Observação: Se cortar os galhos, não deixar que eles se desidratem, colocar de molho na água antes de serem plantados, por um período de tempo indeterminado até a realização do plantio.

3. Propagação por Alporquia

Essa técnica de propagação tem a finalidade de enraizamento de um ramo ou estaca ligada à planta mãe. Assim que ocorra o enraizamento deverá ser cortado para formar uma nova muda. O ramo da planta mãe a ser utilizado para a alporquia deverá ser maduro acima de 1 ano de idade, saudável e com um diâ-



Divulgação

metro médio. Deverá ser realizado o anelamento no caule de 3 cm, ocorrendo a retirada de uma casca no ramo, criando um anel. Em seguida será colocado em volta do anel, um substrato úmido que será coberto com um plástico escuro, para facilitar o enraizamento. Recomenda-se irrigar com uma seringa na área coberta com água e hormônio enraizadores de 10 a 10 dias. Tempo de enraizamento em média de 90 dias.

4. Existem outras técnicas de propagação da roseira mais difíceis de serem realizadas como a enxertia e a mergulhia que são feitas por pessoas especializadas. Normalmente são técnicas que permitem a multiplicação de cultivares que tenham características específicas, dificuldades de enraizamento pela estaca e sensibilidade a doenças e outros fatores que impedem a multiplicação da planta por estacas e por cultivares que não produzem sementes.



Resposta enviada pelo instrutor de Paisagismo do Senar Goiás, Joaquim Alves da Costa.



Soja - 02 a 30/06/2025

Soja fecha junho em baixa em Chicago e estabilidade em Goiás, com mercado atento a estoques e exportações

Na Bolsa de Chicago (CBOT), os preços da soja encerraram junho em queda. O contrato julho/25 recuou 0,88%, cotado a US\$ 10,25/bushel, enquanto o setembro/25 caiu 0,99%, para US\$ 10,18/bushel. O movimento baixista reflete o bom desenvolvimento das lavouras nos Estados Unidos, onde, até 29 de junho, 94% da área havia emergido e 66% das lavouras estão classificadas em boas ou excelentes condições, segundo o USDA. Além disso, o recuo nos preços do trigo e do óleo de soja, aliado à ausência de compras expressivas da China, reforçou o viés de baixa ao longo do mês.

Com a colheita da soja no Brasil encerrada em julho, o mercado volta as atenções para estoques e ritmo das exportações. Segundo a CONAB, o país colheu safra recorde de 172 milhões de toneladas, o que gera elevados estoques internos. Por outro lado, as exportações seguem firmes, ajudando a equilibrar oferta e demanda.

O mercado goiano apresentou oscilações ao longo de junho. No início do mês, a soja disponível iniciou em queda, a R\$ 116,50/saca; na segunda quinzena houve recuperação pontual, com cotações chegando a R\$ 117,27/saca; no fechamento do mês, recuou novamente, cotada a R\$ 116,03/saca, acumulando queda de 0,40%. A soja balcão também registrou estabilidade, encerrando a R\$ 111,49/saca (-0,19%). Já a soja futura foi a mais impactada, com desvalorização de 3,00%, fechando a R\$ 111,04/saca. A paridade de exportação em Rio Verde (GO) também caiu no período, passando de R\$ 113,30/saca para R\$ 109,10/saca, pressionada pela queda internacional e pela variação cambial.

Gráfico 1 - Evolução nos preços dos contratos em junho/25



Tabela 1 - Variação do preço médio da soja em Goiás no mês de junho de 2025.

Descrição	Valor 02/06	Valor 30/06	Diferença
Soja Disponível	R\$ 116,50	R\$ 116,03	R\$ 0,47
Soja Balcão	R\$ 111,71	R\$ 111,49	R\$ 0,22
Soja Futuro	R\$ 114,48	R\$ 111,04	R\$ 3,44



Em goiás, o vazio sanitário da soja iniciou em 27 de junho e dura até 25 de setembro, período que proíbe o cultivo e a presença de plantas voluntárias.



Milho

Safrinha avança no Brasil e milho recua no físico; Chicago fecha junho pressionada pelo clima favorável nos EUA

A Bolsa de Chicago (CBOT) teve forte volatilidade em junho. O contrato de setembro, principal referência para a safra americana chegou a acumular altas expressivas na primeira quinzena, mas encerrou o mês cotado a US\$ 4,09/bushel queda de 2,66%, pressionado pelo clima favorável no cinturão do milho dos EUA, onde 73% das lavouras estão em boas ou excelentes condições e 8% já atingiram a fase de espigamento no fim do mês.

A colheita da segunda safra de milho atingiu 10,3% da área total no Brasil até o final de junho, conforme dados da CONAB. As boas produtividades, principalmente no Centro-Oeste e no Matopiba, reforçam a expectativa de safra recorde de até 130 milhões de toneladas, somando as duas safras. Na B3, os contratos futuros acompanharam as oscilações externas, e contrato julho saiu de R\$ 62,78 para R\$ 63,50/saca com valorização de 1,1% e setembro de R\$ 63,94 para R\$ 61,97/saca, quedas de 3,1%, impactado principalmente pela alta projeção de produção próximo dos 99 milhões de toneladas.

Em Goiás, os preços também oscilaram ao longo do mês, com o cenário do milho disponível convergindo para se igualar para os preços futuros da safrinha. No início de junho, o milho disponível estava cotado a uma média de R\$ 60,22/saca, e no fechamento do mês a R\$ 47,92/saca (-20%) e o milho safrinha a R\$ 47,19/saca (-1,83%). Fatores como chuvas pontuais em Goiás e atraso na perda de umidade dos grãos ajudaram a conter a pressão de oferta no curto prazo, sustentando os preços em patamares próximos à estabilidade.

Gráfico 1 - Evolução nos preços dos contratos em junho/25

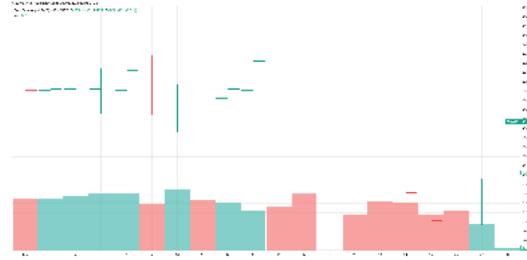


Tabela 1 - Variação do preço médio do milho em Goiás no mês de junho de 2025.

Descrição	Valor 02/06	Valor 30/06	Diferença
Milho Balcão (Média Estado)	R\$ 60,22	R\$ 47,92	R\$ 12,30
Milho Futuro (Média Estado)	R\$ 48,07	R\$ 47,19	R\$ 0,88
Rio Verde	R\$ 60,00	R\$ 48,00	R\$ 12,30



Chuvas pontuais no fim do mês surpreendem produtores e limitam avanço da colheita, mas produtividades surpreendem.



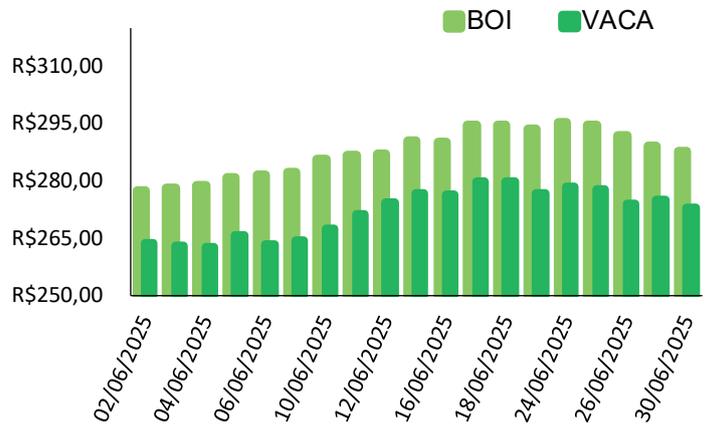
Mercado do boi gordo em Goiás reage em Junho com apoio das exportações

O mercado do boi gordo em Goiás apresentou recuperação em junho após as quedas registradas em maio. A arroba valorizou cerca de 3,8% no indicador DATAGRO/B3, encerrando o mês a R\$ 315,20. Já no mercado físico, segundo o IFAG, o boi gordo à vista subiu 5,5%, chegando a R\$ 292,95, enquanto a vaca gorda avançou 5,61%, sendo cotada a R\$ 278,70. A entressafra reduziu a oferta de animais terminados, encurtando as escalas de abate e sustentando os preços.

No mercado externo, o Brasil exportou 241,09 mil toneladas de carne bovina in natura nos 20 primeiros dias úteis de junho, aumento de 25,3% em relação ao mesmo período de 2024. Essa demanda ajudou a manter as cotações firmes. No mercado de reposição, o boi magro e as novilhas registraram valorização, enquanto os bezerros tiveram queda pontual.

Mesmo com o consumo interno pressionado por proteínas mais acessíveis, como frango e suíno, o cenário permanece positivo. A expectativa para julho é de continuidade do viés altista, sustentado pela oferta limitada e pelo bom desempenho das exportações.

PREÇO MÉDIO BOI GORDO E VACA GORDA À VISTA EM GOIÁS R\$/@



Fonte: IFAG



Queda nos preços marca o mercado de proteínas em maio

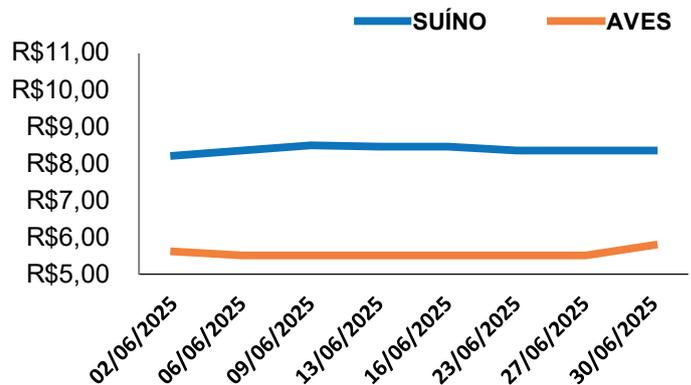
Em junho, o mercado de proteínas em Goiás teve comportamento misto. O frango vivo acumulou queda de 13,24% no mês, encerrando a R\$ 5,50/kg. A desvalorização foi impulsionada pelo excesso de oferta interna, resultado das restrições impostas por países importadores após a confirmação de um caso de gripe aviária em granja comercial no Rio Grande do Sul.

Já o mercado de suínos mostrou recuperação. Após cair no fim de maio, o suíno vivo valorizou-se ao longo de junho, encerrando a R\$ 8,50/kg, com ganho acumulado de 1,67%. A melhora é atribuída à combinação de oferta ajustada e leve aumento na demanda interna.

O milho apresentou variação ao longo do mês e fechou com queda acumulada de 19,1%, cotado a R\$ 49,15/saca, influenciado pela boa expectativa para a segunda safra. No cenário externo, as exportações de carne de frango caíram 23,1% em volume frente a junho de 2024, mas o preço por tonelada subiu 0,7%.

Em contraste, a carne suína teve alta de 30,2% no volume exportado e 11,3% no preço médio, totalizando 122,13 mil toneladas no período.

PREÇO MÉDIO SUÍNO E FRANGO VIVO EM GOIÁS R\$/KG



Fonte: IFAG



Tempo seco predomina em Goiás e favorece colheita de milho, mas exige atenção ao manejo hídrico

O mês de junho de 2025 foi caracterizado por baixos volumes de chuva em Goiás, conforme indica o mapa do INMET, com predominância das cores amarela, laranja e branca que representam precipitações entre 0 e 80 mm abaixo da média histórica.

Esse comportamento seco também foi observado em boa parte das regiões Centro-Oeste e Sudeste, com chuvas abaixo ou próximas da média, conforme as previsões já indicavam. Esse cenário favoreceu as atividades de maturação e colheita das principais culturas, sem impactos negativos relevantes para as lavouras remanescentes.

Para o mês de julho a Região Centro-Oeste deve ser marcada pela continuidade do tempo seco, com baixos volumes de precipitação, cenário que tende a favorecer o avanço da colheita do milho segunda safra e do algodão. A ausência de chuvas permite melhor acesso às lavouras e reduz os riscos de perdas por excesso de umidade, especialmente no período final de maturação das culturas.

Por outro lado, o predomínio do ar seco e das temperaturas elevadas aumenta a demanda evaporativa, o que pode acelerar a perda de água do solo e impactar negativamente áreas ainda em desenvolvimento. Essa condição exige atenção dos produtores ao manejo hídrico e à conservação da umidade no solo, especialmente em cultivos mais sensíveis.

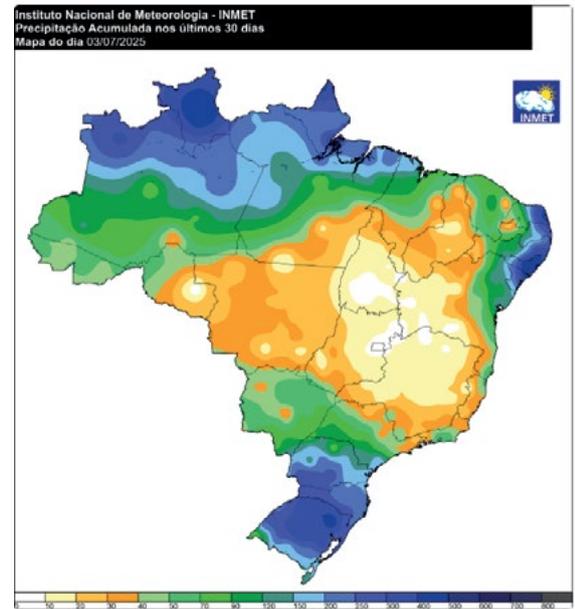


Figura 1: Precipitação acumulada nos últimos 30 dias.



Mercado de hortifrúti apresenta viés misto

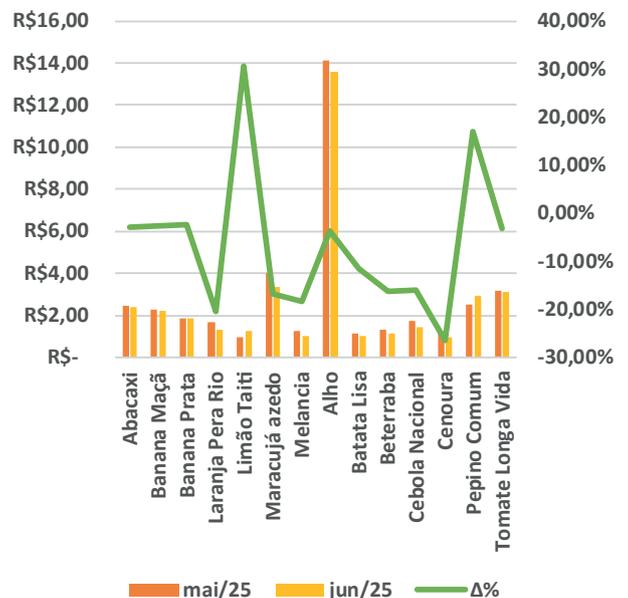
Conforme dados divulgados pelo Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (IFAG), os preços das hortaliças comercializadas na CEASA/GO em junho de 2025 apresentaram variações heterogêneas, com destaque para movimentos de valorização no limão taiti que apresentou forte alta de 30,67%, alcançando R\$1,23/kg e o pepino comum que teve valorização de 16,97%, sendo comercializado a R\$2,92/kg.

A cenoura registrou a maior queda entre os produtos analisados (-26,50%), com preço médio de R\$0,94/kg em junho. A laranja pera rio também teve forte recuo (-20,57%), cotada a R\$1,33/kg, seguida por reduções no preço da melancia (-18,40%), cebola nacional (-16,00%), beterraba (-16,24%) e maracujá azedo (-16,67%). A batata lisa também apresentou forte recuo (-11,65%), sendo vendida a R\$1,01/kg.

Já os demais produtos apresentaram leves variações negativas. O abacaxi teve leve queda (-3,03%), assim como a banana maçã (-2,69%) e a banana prata (-2,49%). O alho caiu (-3,74%) e fechou a R\$13,57/kg. O tomate longa vida, também teve leve recuo de -3,26%, com valor médio de R\$3,08/kg.

Os preços foram influenciados pela maior oferta que exerceu pressão de baixa sobre os valores. As condições climáticas, por sua vez, afetaram tanto a produção quanto a qualidade de alguns itens, gerando oscilações nos preços.

Gráfico - Variação Mensal do Hortifrúti no Estado de Goiás



Fonte: Ceasa-GO; Elaboração: IFAG

Estruturação e Sistematização dos Dados Econômicos do Setor Agropecuário do Estado de Goiás



Serviço Nacional de Aprendizagem Rural /AR-GO
Tel.: 62 3412-2700
www.senargo.org.br



Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás
Tel.: 62 3096-2235
www.ifag.org.br

CARNE FRIA



Planaltina 2023

Deuzânia Aparecida de Melo

Ingredientes

- ✓ 01 kg de carne bovina (lagarto);
- ✓ 01 pimentão verde;
- ✓ 01 pimentão amarelo;
- ✓ 01 pimentão vermelho;
- ✓ 01 cabeça de cebola roxa;
- ✓ 01 cabeça de cebola branca;
- ✓ 01 colher de sopa de sal;
- ✓ 200 g de tomate seco;
- ✓ 200 g de azeitonas pretas;
- ✓ 200 g de azeitonas verdes;
- ✓ 200 g de cheiro-verde;
- ✓ 20 g de pimenta calabresa.

Modo de fazer

Corte o lagarto em três pedaços, cozinhe com tempero, alho e sal a gosto. Desfie e reserve. Corte os pimentões, as cebolas, o cheiro-verde e acrescente à carne. Coloque as azeitonas pretas e verdes, azeite e os demais temperos que desejar. Deixe descansar por duas horas.

Dica: sirva com pão sírio caseiro.

Rendimento: 20 porções

Tempo de preparo: 1h

“

Aprendi com minha mãe e é uma tradição de família. Quando faço essa receita me vem à memória meu tempo de infância na fazenda.

”



Alfavaca – tradição, aroma e bem-estar natural



Miranildes Garcia Teixeira de Carvalho, instrutora do Senar Goiás na área de identificação e processamento caseiro de plantas medicinais e escritora do Livro “Plantas Medicinais – O Ouro do Cerrado”. É, também, técnica em Enfermagem e especialista em cultivo e processamento de plantas medicinais pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).

Divulgação

Nomes populares: anís, alfavaca-anís, erva-doce.

Nomes científicos: *Ocimum selloi* Benth.

Planta aromática de fácil cultivo, a alfavaca, também conhecida como alfavaca-anís, erva-doce ou simplesmente anís, é presença constante nas hortas e quintais das famílias brasileiras. Seu nome científico é *Ocimum selloi* Benth, e ela faz parte da mesma família do manjeriço, lavanda e hortelã: a Lamiaceae.

A alfavaca é muito valorizada na medicina popular, especialmente por suas propriedades calmantes, digestivas e expectorantes. Desde os tempos das avós, seu chá é utilizado para acalmar crianças agi-

tadas, aliviar cólicas, gases e problemas digestivos. Também é empregada no alívio de sintomas de gripe, como tosse e coriza, além de ter leve efeito sedativo, auxiliando no sono e na ansiedade leve.

Além de seu uso medicinal, a planta oferece um perfume adocicado, semelhante ao anís, e suas flores delicadas atraem abelhas, contribuindo com a preservação ambiental. Outro benefício: o aroma característico da alfavaca ajuda a afastar mosquitos e pernilongos, funcionando como alternativa natural aos repelentes químicos.

Receita de chá de alfavaca

Ingredientes

1 colher de sopa de folhas frescas de alfavaca (ou 1 colher de chá de folhas secas)
1 xícara de água

Modo de preparo

Ferva a água, desligue o fogo e adicione as folhas de alfavaca. Tampe o recipiente e deixe em infusão por 5 a 10 minutos. Coe e beba morno ou frio.

Recomendações de uso:

Tomar de 1 a 2 xícaras por dia. A alfavaca é mais do que um ingrediente: é um elo entre o saber ancestral e o cuidado natural com a saúde.



Divulgação



Atenção: Evite o uso contínuo por muitos dias seguidos sem orientação profissional.



**A natureza sente.
Sua produção também.
Aprenda a
prevenir incêndios.**

Faça o curso **Prevenção e Controle
do Fogo na Agricultura**

Gratuito e online,
aproveite:



III Mulheres em Campo

A mulher como agente de transformação da realidade do campo



Escaneie o QR code e faça sua inscrição!

04/09, em Goiânia

Realização:



Apoio:

